



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A PRAIA REABITADA: A INVENÇÃO DO DIVERTIMENTO
LITORÂNEO EM FORTALEZA (1900-1930)

Nara Romero Montenegro

Campinas
2016

Nara Romero Montenegro

A PRAIA REABITADA: A INVENÇÃO DO DIVERTIMENTO
LITORÂNEO EM FORTALEZA (1900-1930)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade
de Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção
do título de Licenciado em Educação
Física.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Soares

Campinas
2016

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

M764p Montenegro, Nara Romero, 1991-
A praia reabitada : a invenção do divertimento litorâneo em Fortaleza (1900-1930) / Nara Romero Montenegro. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Carmen Lucia Soares.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Praias. 2. Fortaleza(CE)-História. 3. Natureza. I. Soares, Carmen Lucia. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Titulação: Licenciado

Banca examinadora:

Heloisa Helena Pimenta Rocha

Daniele Cristina Carquejeiro de Medeiros

Data de entrega do trabalho definitivo: 02-12-2016

Agradecimentos

Agradeço imensamente à minha orientadora Carmen Lúcia Soares, a Carminha, que me acompanhou desde o primeiro ano de faculdade numa disciplina de graduação, depois como orientadora de Iniciação Científica e agora no TCC. Nesse percurso foi com muita paciência, disciplina e uma simpatia inabalável que trabalhou. A ela agradeço também por embarcar comigo em busca de um novo olhar para minha cidade, Fortaleza, e sua praia.

Aos queridos amigos do grupo de estudos, também conhecido como “Meninas da Carminha”, muito embora constituído também por homens. Obrigada Evelise, Carol, Rachel, Daniele, Fernanda, Mateus e Franco pela leitura atenta, pelas discussões e pelas reuniões oficiais e de terceiro tempo.

Às amigas da República Kinder (incluindo ex-moradoras), sem as quais a vida em Campinas seria incompleta. Entre tempestades e calmarias que uma vivência em onze pessoas pode proporcionar, formamos a nossa família.

Aos amigos conterrâneos Fidel e Kássia, com quem divido os dilemas sentimentais de entusiasmo pela vida universitária de Campinas e saudades da cidade e das pessoas de Fortaleza.

Às amigas de Fortaleza, Isadora, Sophia, Lara, Maud, Elizete, Sandrinha e a prima Aline, para as quais irreversivelmente não existe mais distância, o carinho que construímos esteve e estará sempre comigo.

À minha irmã da vida Cintia Leitão, que sempre acredita em mim quando nem eu mesma o faço. Muito obrigada por sua amizade calorosa e onipresente como um sol do meio dia.

Ao Lucas Facó, meu querido namorado, que com sua mansidão me traz a serenidade de um mar navegável. É com muita admiração e carinho que te sinto. Nosso afeto e companheirismo me fazem ainda mais forte para construir meus pequenos castelos.

À minha família, avós, tios e primos. À Silda, Maria Auxilia do Nascimento Pereira, que nunca lerá essas linhas nem tampouco saberá de sua importância para mim.

Ao meu irmão, tão longe, tão perto. Com que tive o prazer de dividir a aventura da infância e parte da juventude.

Ao meu pai, por seu afeto e sua imperturbável confiança. Obrigada por me apoiar nas minhas escolhas, inclusive na mudança para Educação Física. À minha mãe, por sua bondade e por tudo que aprendemos juntas, e até hoje o fazemos. E mais que tudo, pelo seu carinho oceânico. Enfim, tudo por eles, tudo para eles.

RESUMO

A praia nem sempre se caracterizou como local de práticas de divertimento. Nas maiores cidades litorâneas do Brasil, pouco a pouco, a frequência ao litoral ganha novos contornos, e outras finalidades se desenham. De um lugar de trabalho ou simplesmente de depósito de lixo e dejetos, a praia começa a ser percebida como um local em que se pode curar diversos males e, também, ideal para os divertimentos. No caso do litoral que margeia a cidade de Fortaleza, delimitação geográfica de nossa pesquisa, até aproximadamente 1920, encontram-se poucos registros que mencionem a praia para além do trabalho. Habitada principalmente por pescadores tinha como nome Praia do Peixe. É a partir da década de 1920 que esta praia experimenta deslocamentos de sentidos, culminando inclusive com a substituição do seu nome para Praia de Iracema no ano de 1925 quando, então, passa a ser frequentada pela elite fortalezense para fins terapêuticos e divertimento. Pretendemos, neste trabalho, identificar os discursos que perpassaram a transformação de sentidos da praia em Fortaleza e os divertimentos que se tornaram possíveis desde então. Para tanto, jornais, revistas, textos literários, relatos de memorialistas e imagens do período compõem o conjunto de fontes desta pesquisa.

Palavras-chaves: litoral; natureza; Praia de Iracema; divertimento

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 8 |
| METODOLOGIA..... | 13 |
| CAPÍTULO I..... | 17 |
| Fortaleza da Belle Époque e os divertimentos da cidade | |
| CAPÍTULO II..... | 22 |
| O movimento higienista e a cultura <i>physica</i> | |
| CAPÍTULO III..... | 30 |
| Uma ideia de natureza e a redescoberta do litoral | |
| CAPÍTULO IV..... | 37 |
| Da Praia do Peixe à Praia de Iracema: entre tensões e divertimentos | |
| 4.1 Os usos precedentes da praia (final do século XIX a segunda década do século XX) | |
| 4.2 Da Praia do Peixe à Praia de Iracema | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 56 |
| FONTES CONSULTADAS..... | 58 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 59 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 -Vista do Passeio Público a partir da Avenida Caio Prado – Álbum de Vistas do Estado do Ceará 1908. FONTE: Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, Fortaleza..... | 19 |
| Figura 2 – Professor Enéas Campello (1920) – FONTE: Almanach Estatístico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará, Fortaleza..... | 25 |
| Figura 3 - Cartilha de ginástica do Prof. Enéas Campello (1921) - FONTE: Almanach Estatístico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará, Fortaleza..... | 25 |
| Figura 4 - Aula de ginástica na Escola Modelo do Ceará (1924) - FONTE: Almanach Estatístico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará, Fortaleza..... | 27 |
| Figura 5 - Alunos do recreatório (1935) - FONTE: Almanach Estatístico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará, Fortaleza..... | 32 |
| Figura 6 - Vista Geral da praia - Álbum de Vistas do Estado do Ceará (1908) - FONTE: Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, Fortaleza..... | 38 |
| Figura 7 - Porto das Jangadas - Álbum de Vistas do Estado do Ceará 1908. FONTE: Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, Fortaleza..... | 40 |
| Figura 8 - Bairro dos Pescadores - Álbum de Vistas do Estado do Ceará 1908. FONTE: Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, Fortaleza..... | 41 |
| Figura 9 - Porto das Jangadas - Álbum de Vistas do Estado do Ceará 1908. FONTE: Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, Fortaleza..... | 44 |
| Figura 10 - Vila Morena (sd) - – FONTE: Arquivo Nirez, Fortaleza..... | 46 |
| Figura 11 - Intelectuais que deram o nome de Praia de Iracema (década de 1920) – FONTE: Arquivo Nirez, Fortaleza..... | 47 |
| Figura 12 – Primeira aterrissagem do avião da empresa Latecoére em Fortaleza (1927) – FONTE: Ah, Fortaleza – Arquivo Gerard Boris..... | 50 |
| Figura 13 - Cartão postal da Praia de Iracema (1931), Loja Chrysanthemo – FONTE: Arquivo Nirez, Fortaleza..... | 55 |

Introdução

O litoral é um lugar que proporciona dinâmicas diversas às cidades, tendo em vista as particularidades de seu tempo e espaço. O forte da cidade nomeou Fortaleza - ou previamente *“Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção”* - em 1654, substituindo o nome holandês Schoonenborch¹. Nomear um forte, para além da imposição da tradição linguística, significava ter poder sobre uma cidade, e, para aquelas localizadas no litoral, o mar era um caminho de importância comercial e militar, que as protegia “contra os índios, talvez; contra inimigos do mar, porventura”. (GIRÃO, 1979, p.41).

O mar, assim como o sertão e a montanha, é carregado de representações e sentidos. Passível de ódio, adoração, medo ou sublimação de acordo com as relações que os sujeitos estabelecem com estes lugares.

O tempo da praia aqui em questão é o início do século XX, que na lógica da divisão impassível do tempo, pode esconder a firme continuidade com a segunda metade do século anterior. Mesmo na primeira metade do século XIX, algumas questões apontam para mudanças na cidade devido à necessidade de vários planos urbanísticos no decorrer do século (GIRÃO, 1979).

Assim como outras capitais brasileiras, Fortaleza inicia seu crescimento populacional principalmente na segunda metade do século XIX. Um dos fatores importantes para tal mudança deve-se à seca de 1877, em que “[os] fluxos migratórios para o litoral desestruturaram o espaço e a economia cearense. A capital, cuja população situava-se em torno de vinte mil habitantes, viu sua população multiplicada por seis [...]” (COSTA, 2004, p.68).

Porém, junto a esse crescimento, não apenas o espaço físico da cidade foi transformando-se, mas, também e talvez por ele influenciado, foram modificando-se os costumes, os modos de se comportar, as sensibilidades e, no limite, as mentalidades. Esse conjunto de novas maneiras de viver bem visíveis e outras mais sutis se manifesta em várias instâncias da vida urbana e, dentre elas, nas representações e práticas de

¹Uma parte da cidade de Fortaleza era dominada pelos Holandeses, por isso foi construído o Forte Schoonenborch em 1649, nome que homenageia o governador holandês de Pernambuco do período (GIRÃO, 1979). Além disso, a capitania de Pernambuco abrangia o Ceará e outros estados do nordeste.

divertimento. A própria terminologia *cidade antiga* para se referir à cidade de topografia espontânea, e *cidade nova*², relacionada àquela “que aumentava obediente à geometria, ao traçado ortogonal retangular.” (GIRÃO, 1979, p.79) é exemplo, pois tais expressões engendram um novo significado para além da cidade como simples estrutura.

É principalmente na segunda metade do século XIX e início do XX que a cidade vê surgir instituições de grande importância cultural, tais como a Biblioteca Pública em 1867, a Academia Cearense de Letras em 1894, os Clubes Cearense e de Iracema, em 1867 e 1884 e o Teatro José de Alencar, em 1910.

Porto (2015), através de relatos de memorialistas e do Jornal Diário do Ceará, indica algumas especificidades das práticas de *lazer*³ na cidade de Fortaleza. No final do século XIX, alguns desses espaços já eram conhecidos, como os parques, cinemas e teatros. E, no começo do século XX, tem-se a emergência dos clubes e esportes, como o futebol e o turfe.

No entanto, a praia quase não apareceu nesses estudos, ou quando foi mencionada, surgiu como figurante ou paisagem e não como lugar de encontro, socialização e divertimento. Verificou-se alguma referência da sua ocupação pelos grupos sociais mais desfavorecidos economicamente, que a utilizavam para namorar nas areias (PORTO, 2013). A praia, portanto, era ocupada por pescadores e estivadores, um lugar de trabalho, motivo pelo qual teve sua denominação como Praia do Peixe. Schramm (2001) afirma que a cidade estava mesmo de costas para o mar, e importantes edificações como a Penitenciária e a Santa Casa de Misericórdia formavam uma barreira entre o centro da cidade e a praia, sendo esta muito usada para despejo de lixo.

² Os primeiros esforços de um plano urbanístico para a cidade datam das primeiras décadas do século XIX, com Silva Paulet. Engenheiro e português, Paulet projetou importantes obras como o Forte Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção e o Passeio Público, além de ter dado início ao traçado urbano em forma de xadrez. Já na segunda metade do século XIX, o arquiteto pernambucano Adolfo Herbster iria seguir com o traçado xadrez, que caracterizaria a cidade nova.

³ Importante delinear que o termo “lazer” foi utilizado pelo autor citado, pois no trabalho aqui realizado será preferido, dependendo do momento, os termos práticas de divertimento, práticas corporais (LAZZAROTTI FILHO et al, 2010), ou simplesmente prática. Assumimos, entretanto, que a definição conceitual desses termos ainda seja instável, sendo empregada nos textos científicos com significados e sentidos diversos. Contudo, nos parece o termo mais conveniente pela sua aproximação com as ciências humanas, em particular com a História Cultural e o distanciamento metodológico com os Teóricos do Lazer.

Uma relação semelhante com a praia é encontrada nos trabalhos de Dalben (2009), Dalben e Soares (2011) e Terra (2016) sobre o início da ocupação da praia de Santos, que ocorreu somente nas primeiras décadas do século XX para fins de cura e de divertimento. Já na cidade do Rio de Janeiro, Melo (2015) destaca a presença dos banhos de mar e da natação na segunda metade do século XIX. Entretanto, os guias de viagens e folhetos turísticos do Rio de Janeiro, como analisa Castro (2006), só viriam apresentar a praia como atração para os visitantes a partir da década de 1930.

Voltando à Fortaleza, cujo litoral parece ter sido sempre habitado por diferentes grupos humanos, exceto a elite, como se dariam os seus novos usos? É certo que a elite que habitava o centro da cidade, local de riqueza, passa a sentir-se acuada com um expressivo crescimento do bairro nas primeiras décadas do século XX, principalmente pela chegada de muitos imigrantes e retirantes fugidos das constantes secas que assolam o estado. Os grupos abastados, então, procuram novos espaços, dentre eles a praia. Precisamente em 1925, a denominação Praia do Peixe é oficialmente modificada para Praia de Iracema⁴, por meio de uma intensa pressão paralela entre a imprensa da época e a elite que passa a frequentar o local. O antigo nome era considerado assaz vulgar para a nova mentalidade deslumbrada com a modernização da cidade e dos costumes (SCHRAMM, 1993; BEZERRA, 2008).

Os banhos de mar iniciam-se fundamentados pelo discurso médico-higienista, considerados como medida terapêutica. Contudo, já na década de 1930, Ponte (2015) destaca que os banhos passam a ser uma nova fonte de *lazer* da elite fortalezense. A Praia de Iracema começa a atrair o público mais abastado, que inicia as construções de mansões de veraneios, como é o caso da Vila Morena⁵. O uso da praia, a partir dessas mudanças na sociedade, se transforma e ganha novos significados e possibilidades:

O banho de mar, antes utilizado apenas para fins de tratamento terapêutico recomendado pelos médicos, só pôde tornar-se opção de lazer a partir da liberalização comportamental e vestuária verificada nos anos 20 em diante – além do fato de que a praia, anteriormente apenas ocupada por gente pobre como pescadores e estivadores, agora transformava-se em espaço residencial elegante. (PONTE, 2015, p. 186)

⁴ Denominação inspirada no romance *Iracema-Mito do Ceará* de José de Alencar, publicado em 1865.

⁵ Onde hoje está localizado o Estoril.

O curioso é notar que diferentes espaços de sociabilidade, como os jardins, parques e praças, desde os fins do século XIX até as primeiras décadas do XX, eram famosos por serem os palcos dos encontros da classe abastada fortalezense, sendo somente nas décadas seguintes democratizados, isto é, apropriados também por outros grupos sociais. Já a praia da cidade de Fortaleza, viveu um processo inverso que, conforme Ponte (2015, p.186): “*anteriormente apenas ocupada por gente pobre como pescadores e estivadores, agora transformava-se em espaço residencial elegante*”. Isto é, do popular passou a ser local de distinção.

O objetivo desta pesquisa é identificar discursos que perpassaram a transformação de sentidos da praia de Fortaleza e os usos relacionados às práticas de divertimento que se tornaram possíveis no início do século XX. Essa transformação é sintetizada na mudança de denominação de Praia do Peixe para Praia de Iracema, pois é ao redor desse acontecimento que se destacam os usos considerados legítimo e ilegítimos do litoral. A apreensão da praia como parte de uma natureza domesticada e adequada aos novos usos urbanos em uma cidade que vivia seu processo de urbanização torna-se uma realidade.

Este trabalho organiza-se em quatro capítulos. Os três primeiros são constituídos por uma rede de discursos, paralelos (não consecutivos ou unilaterais) e que, a nosso ver, foram importantes para que a praia pudesse ser reabitada, cenário de novas práticas, em especial as de divertimento. O primeiro capítulo: *Fortaleza da Belle Époque e os divertimentos da cidade* busca contextualizar a Fortaleza do fim do século XIX e começo do XX, com destaque para as novidades de uma cidade inspirada em países considerados civilizados. Destacamos também, neste capítulo, os divertimentos em voga no período. No segundo Capítulo, intitulado *O movimento higienista e a cultura physica*, buscamos ressaltar a influência dos discursos higienistas em meio às secas e epidemias que assolavam o estado do Ceará. A cultura *physica*, isto é, a ginástica, os exercícios físicos, os esportes e os cuidados com o corpo de uma forma geral despontam em consonância com os preceitos médicos, embora as práticas corporais depois sigam um caminho mais autônomo, pautando-se mais pela busca do prazer. O terceiro capítulo, *Uma ideia de natureza e a redescoberta do litoral*, levanta a discussão do surgimento de uma sensibilidade voltada para natureza, contraposta ao espaço urbano. Por fim, no quarto capítulo, *Da Praia do Peixe à Praia de Iracema*:

entre tensões e divertimentos, procuramos discutir a mudança de sentido que se opera na praia, desde os usos mais discretos do começo do século XX até o começo da década de 1930.

O recorte temporal desta pesquisa compreende o entorno desta mudança de sentido da praia, de um local essencialmente de trabalho para cenário de divertimentos. Isto é, na virada do século e primeiros do século XX, quando é possível identificar discursos e práticas em voga no período que deram ensejo para uma nova frequência ao litoral; até o final dos anos 1920 e começo de 1930, quando a praia consolida-se como um atrativo de divertimento para grupos sociais além dos pescadores, e, sobretudo, para os grupos mais favorecidos.

Metodologia

Esta pesquisa intenta localizar-se numa perspectiva da História Cultural, o que significa, em termos práticos, um desafio metodológico. O que mais interessa é questionar o fato histórico como encerrado e, com isso provocar, “o reconhecimento de “realidades” históricas negligenciadas por muito tempo pelos historiadores.” (LE GOFF, 2013, p.13). É, então, que se pode falar numa história múltipla, não mais puramente política, econômica e social, mas de histórias da representação, das mentalidades, do imaginário, das práticas do cotidiano.

Em primeiro lugar, a própria escolha do tema traz consigo marcas de uma nova possibilidade do fazer histórico: a praia, seus usos e práticas, ou ainda, as possibilidades do corpo num dado período é um objeto não usual e que vem cada vez mais sendo estudado. Até os anos 2000, a praia é um objeto coadjuvante na pesquisa cearense, composta apenas por trechos de livros de história acerca do estado ou da cidade de Fortaleza. No século XXI, alguns estudos se destacam, apesar de que alguns não tenham pretensões puramente históricas. São eles: a dissertação de mestrado de Solange Schramm (2001), sobre a construção de memórias coletivas e a produção do Espaço na Praia de Iracema ao longo do século XX; a tese de doutorado de Roselane Bezerra (2008), sobre os discursos e apropriações dos espaços do bairro da Praia de Iracema, em especial as representação simbólicas saudosistas - seu recorte, entretanto, dá-se após intervenções urbanísticas na década de 1990 - e, por fim, a dissertação de mestrado de Fabio de Oliveira Matos (2009), que busca compreender o processo de ocupação do litoral fortalezense entre 1726 e 1947 a partir da cartografia e fotografia do período. Embora estas pesquisas tenham um objeto próximo e, por isso, muito contribuem para este trabalho, levantem problemas e utilizam recortes temporais e metodologia bastante distintos.

O livro de Alain Corbin intitulada *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental* (1989), devido tanto a uma aproximação metodológica de investigação como à existência da afinidade temática, emerge como um dos mais enriquecedores para esta pesquisa. Contribui ainda para as perguntas levantadas nessa pesquisa outro importante objeto de análise fortemente sustentado pelo autor: os dispositivos afetivos, isto é, as emoções e sensibilidades. “Os especialistas em história cultural sabem hoje como

estudar as instituições, os objetos, as práticas, mas não ousam abordar os dispositivos afetivos cujo simples conhecimento conferiria um sentido às suas pacientes e frutuosas pesquisas.” (CORBIN, 1989, p.7). Não descuidaremos, portanto, de vestígios dos novos sentimentos e emoções possíveis em relação à praia, embora os discursos e as práticas sejam os nossos principais objetos.

Há ainda dois termos que merecem atenção, uma vez que atravessam o tema do divertimento na praia: o corpo e a natureza. O corpo, já que não é possível falar em práticas que não estejam nele engendradas. Mas também porque tais práticas na praia eram expressões culturais que se manifestam essencialmente pelo movimento corporal. São exemplos: a ginástica, caminhadas e os banhos de mar. É nesse período, portanto, que se anuncia a emergência de uma cultura *physica*.

Já a natureza importa aqui enquanto ambiente praiano. As fontes do período apontam para discursos de médicos higienistas que valoravam ambientes livres, abertos, límpidos. A busca pela natureza, às águas salgadas, ao sol, numa cidade em que já se encena uma incipiente urbanização, enseja uma discussão entre esses dois pólos – o urbano e o natural – nos primeiros anos do século XX. Como fundamental referência tem-se Keith Thomas (1988), que embora não discorra sobre a praia, traz importantes reflexões sobre uma nova sensibilidade em relação à natureza, animais e plantas; e nos trabalhos nacionais: a dissertação de Dalben (2009), sobre a educação física em meio à natureza em São Paulo, incluindo as viagens à praia de Santos; Soares (2016), que nos apresenta um conjunto de estudos sobre uma educação pela natureza, considerando também pesquisas sobre a praia; além de outros trabalhos, como os de Medeiros (2016) e Siqueira (2009), os quais discutem a busca pela natureza (as diversas formas de natureza) em contraponto à urbanização, sendo este ambiente natural localizado ou não no cerne urbano.

Um segundo desafio instaurado é a escolha das fontes e a forma de lidar com elas. Para uma pesquisa a respeito dos divertimentos na praia, muito pouco interessante nos parece a utilização de fontes oficiais escritas, materiais historicamente aceitos como legítimos e confiáveis. Como nos lembra Marc Bloch (2001, p.79), “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele”. Nesta pesquisa, portanto, são utilizados como fontes:

1. Jornais impressos
2. Revistas
3. Almanques
4. Livros de literatura e memórias
5. Fotografias

Os Jornais consultados nesta pesquisas foram: Jornal do Ceará, fundado em 1904 sob direção de Waldemiro Cavalcanti; Correio do Ceará, fundado em 1915 por Álvaro da Cunha Mendes; e Jornal O povo, criado em 1928, por Demócrito Rocha, jornal que circula até os dias de hoje na capital.

As revistas eram importantes divulgadoras de modas e costumes considerados modernos e, por isso, muito contribuíram para impulsionar as novidades do litoral. As mais relevantes: Revista Ceará Ilustrado, de 1924, propriedade de Adalgisa Cordeiro e dirigida também por Demócrito Rocha (que viria a fundar o jornal O povo), publicava literatura, poemas e notas sobre atualidades; a Jandaia, dirigida por Aldo Prado, apresentava-se como revista de arte, literatura e atualidades; Bataclan, de Rogério Alencar & Cia, proprietário também da Empresa Cearense de Anúncios. Vendida aos sábados, dizia-se uma revista de arte e elegância, que fazia propagandas de produtos, lojas e máquinas caras.

Almanach do estado do Ceará ou Almanach do estado do Ceará administrativo, estatístico, industrial e literário, circulou anualmente entre 1895 a 1962, fundado por João Eduardo Torres Câmara. Nele constavam-se os balanços financeiros e administrativos do ano, além de informações sobre outras instituições sociais, educativas, literárias, etc.

A literatura e os livros de memórias, tendo como principais autores os cearenses: Gustavo Barroso, Eduardo Campos, Raimundo de Menezes, Manuel de Oliveira Paiva, João Nogueira e Otacílio de Azevedo. Suas narrativas tanto auxiliaram na compreensão geral de uma época em relação à política, à economia e aos costumes, como nas minúcias do imaginário e sentimentos possíveis, pois:

O romancista tanto memoriza como inventa fatos: o que ele não pode inventar é o sentimento da vida como ela é, e para isso é preciso que tenha

estado em algum lugar da terra e se tenha impregnado duma determinada conjuntura emocional, duma atmosfera, dum ambiente, dum céu e duma terra, e de presenças humanas. (MONTEIRO, 1979, p.xv)

Por fim, as fotografias, fontes caras à história, capazes de enriquecer ainda mais as discussões levantadas. As fotografias foram encontradas no Arquivo Nirez e no *Álbum de vistas do estado do Ceará* de 1908. Algumas outras foram retiradas do Almanach do estado do Ceará ou do livro *Ah, Fortaleza!* (1880-1950), tendo como organizadores Gylmar Chaves, Patricia Veloso e Peregrina Capelo, publicado em 2009.

Chamamos atenção ainda para o fato de que a Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, a mais importante Biblioteca acerca da história da cidade de Fortaleza, onde se encontram a maior parte dos jornais e revistas, esteve em reforma durante todo período em que está pesquisa se realizou. Foi possível fazer algumas consultas durante este período, já que algumas fontes se encontravam *on-line* e outras em forma de microfilmagens. Entretanto, alguns jornais e edições de revistas não puderam ser consultados devido ao desarranjo em função da reforma, dentre elas o Jornal O Nordeste, importante diário da época, e a edição de 1924 da revista Ceará Ilustrado, além de outras fontes.

Capítulo I

Fortaleza da Belle Époque e os divertimentos da cidade

A cidade de Fortaleza da segunda metade do século XIX ao começo do século XX vai constituindo uma urbanidade. É preciso ordem, civilidade e modernidade na cidade, além dos seus novos elementos acinzentados: prédios, praças, calçadas, ruas. O termo *areias*⁶ para referir-se à rua, ao subúrbio, vai sendo substituído, não só no vocabulário diário, mas nas vistas dos passantes.

A modernidade era instaurada de forma impactante, tudo era novidade. Desde as celebradas edificações e instituições do final do século XIX: o primeiro hospital, a Santa Casa Misericórdia (1861), a Biblioteca Pública (1867), a Estrada de Ferro, que ligava Fortaleza à cidade de Baturité (1873); até a chegada de curiosos bens já no século XX, como o primeiro rádio (1909) e o primeiro automóvel (1922), conhecido como mal-assombrado (MENEZES, 1977).

Na segunda metade do século XIX a cidade era mesmo ainda muito acanhada. “O centro urbano, que compreendia a cidade propriamente dita, situava-se entre o mar e as vizinhanças da atual avenida Duque de Caxias, entre a depressão do Pajeú e as proximidades da atual praça José de Alencar.” (CORDEIRO, 2015, p.137).

É nesse mesmo período, entretanto, que o algodão se torna um importante produto na exportação nacional, e a capital Fortaleza, cidade litorânea, se beneficia das riquezas que aportam no Estado. Na virada do século, em 1900, a capital chega a 48 mil habitantes e nos anos de 1920, esse número chega a 78 mil.⁷

A exigência é por espaços que comportem as demandas dos novos anseios modernos, e o crescimento urbano precisa ser ordenado, civilizado, fruto de nítida influência de outras cidades consideradas civilizadas:

Sob o influxo desse processo de desenvolvimento econômico e urbano, lento mas constante, e animado pelo estreitamento do contato com o capitalismo moderno e da maior presença de estrangeiros na Cidade, engendrou-se uma certa euforia cosmopolita-civilizatória no seio das elites sociais e intelectuais de Fortaleza, objetivando transformar a Capital à imagem e semelhança dos

⁶O termo *areias* foi encontrado com muita recorrência nas fontes e referências, significando, como explica Silva (2009, p.141), “região das areias “subúrbios””, isto é, regiões que não eram no centro da cidade, locais não empedrados. Otacílio de Azevedo (1992, p.97) relembra serenatas: “Havia a esse tempo, nas areias, um bodegueiro conhecido pelo nome de Rato e que abria suas portas mesmo em alta madrugada.”

⁷ A cidade chegou inclusive a ser a sétima maior do Brasil segundo Silva Filho (2001).

grandes centros urbanos do país e da Europa Ocidental. (PONTE, 1993, p.136)

As ruas e logradouros de denominação populares são substituídos por nomes de políticos. Por mais que houvesse mesmo um esforço para familiarizar os novos protagonistas republicanos, como acredita João Nogueira (1980) é evidente o desejo de afastar os nomes considerados vulgares, tal como ocorre com a rejeitada Praia do Peixe. Barão do Rio Branco, então, substitui a Rua Formosa; Castro e Silva, a Rua das Flores; Marechal Deodoro, a Rua da Cachorra Magra ou Rua das Hortas⁸. O auge do esforço foi mesmo na troca dos nomes de rua por números em 1890, trazendo uma seriedade aritmética e impessoal inspirada na cidade de Nova Iorque e que, certamente, não funcionou na capital cearense (SILVA FILHO, 2001).

A cidade cresce e para percorrê-la agora é preciso algo mais que os pés. Os bondes facilitam a mobilidade, tendo já em 1896⁹ sete linhas, uma delas, linha azul, que já ligava a Praça do Ferreira à Praia. Mas os bondes não importam só como transporte, são também impulsionadores de uma nova sociabilidade, em que se é visto e se vê, por meio das linhas que atravessavam a cidade (SILVA, 2009). Com os bondes, torna-se possível chegar mais depressa e mais longe, tal como exigia o novo ritmo urbano.

Importantes espaços de sociabilidade e divertimento aparecem nesse período. Um muito conhecido logradouro é o Passeio Público de Fortaleza ou Praça dos Mártires¹⁰, construído no final do século XIX em estilo neoclássico. A presença da praça em episódios dos romancistas e memorialistas do período é muito recorrente, e é com muito saudosismo que é recordado. Como o descreve Otacílio de Azevedo (1992, p.50):

⁸A substituição dos nomes das ruas encontra-se no livro *Coisas que o tempo levou...* do memorialista Raimundo de Menezes (1977, p.142-144)

⁹Almanach do estado do Ceará para 1896, p.63.

¹⁰O memorialista Otacílio de Azevedo (1992, p.51) explica: “Por mais que o enfeitem, por mais que tentem torná-lo habitado, o Passeio Público apresenta um aspecto soturno – mesmo ao som das bandas de música ou à luz feérica das lâmpadas. Talvez a razão dessa tristeza esteja na sua própria história: em 1825, quando se chamava Largo da Pólvora, foi palco do sacrifício dos patriotas que sonharam com a criação. Ali fora m mortos Silva Carapinima, Azevedo Bolão, Pereira Ibiapina, Padre Mororó e Pessoa Anta.”. Referia-se ele ao episódio da execução de líderes da Confederação do Equador, em 1825, quando o Passeio ainda não havia sido nem planejado.

O Passeio Público era uma ampla praça dividida em três partes iguais. A primeira era a Caio Prado, onde fervilhava a fina sociedade local; a parte do meio era chamada Carapinima, destinada ao pessoal da classe média e onde a Banda da Polícia Militar executava operetas e valsas vienenses. A terceira era a Avenida Padre Mororó, freqüentada pela ralé – as mulheres da vida, os rufiões e os operários pobres...

Além dos acontecimentos que tinham lá seu desenrolar, como as quermesses de caridade e corridas de bicicleta, a praça tinha um atrativo a mais: “O Passeio Público foi sempre, em todos os tempos, o logradouro predileto da cidade. Devido à sua esplêndida colocação, em frente do mar, as famílias se reuniram, ali, antigamente, para o cavaquear de todas as noites.” (MENEZES, 1977, P.66). A vista inspira os passantes: “Só a líquida esmeralda do verde mar distante, pontilhada pelos minúsculos lenços brancos das jangadas, nos dá a idéia de que ali ainda palpita a vida.” (AZEVEDO, 1992, p.50). E os amantes, já que “Várias gerações de namorados, hoje gozando os laços do himeneu, arquitetaram seus ninhos, nas alamedas silenciosas da “Caio Prado”, embalando-se na cavatina das ondas esmeraldinas.” (MENEZES, 1977, p.66).



Figura 1 – Vista do Passeio Público a partir da Avenida Caio Prado – Álbum de Vista 1908

O mar era agradável, uma experiência poética, estética, romântica. Sua forma apreciada pelos memorialistas, entretanto, era apenas enquanto vista, uma paisagem longínqua, quase tão exterior como um quadro. A praia efetivamente, até os anos de 1920, era muito pouco citada, tal como veremos mais adiante.

Voltando aos espaços de divertimento celebrados, não nos deixam olvidar os saudosistas dos teatros, clubes e cinemas, que assim como o Passeio Público, possuem inspiração notória nos países considerados civilizados.

Ao falar de teatro, impossível não se lembrar do Teatro José de Alencar. A sua inauguração, em 1910, impressiona com sua arquitetura inovadora. O espaço do teatro por si só já parece ser um espetáculo, como o descreve Otacílio de Azevedo, atento até às pinturas do pano de boca. O encanto do espetáculo da inauguração também é lembrado com muito gozo: “A peça encenada era “O Dote”, de autoria de Otacílio Azevedo. Inútil adjetivar o trabalho de Leopoldo Fróes e Lucila Pérez. A peça foi um delírio e o público aplaudiu de pé, longamente.” (AZEVEDO, 1992, p.69).

Os cinemas eram outra atração imperdível, ainda com sentimento de mais novidade pelo recurso visual. Edigar de Alencar (1980) narra os primeiros passos do cinema na cidade, resumidos a projeções em espaços ao ar livre. Os espaços fechados conhecidos efetivamente com espaços de cinema só vieram surgir entre as décadas de 1910 e 1920, dentre eles, os mais aclamados eram o Cine Majestic, inaugurado em 1917, e o Cine Moderno, em 1921. Ambos localizados na estimada Praça do Ferreira, eram, na verdade, além de cinemas, casas de espetáculos.

Já os clubes sociais têm sua origem no final do século XIX, em especial o Clube Cearense (1867) e o Clube Iracema (1884). No século seguinte, tem-se clubes como o Náutico e o Ideal Clube. Esses clubes sociais ainda não tinham relações com as práticas esportivas, eram muito mais instituições de bailes e encontros. A função de impulsionador dos esportes cresceria a partir da década de 1930 (JUCÁ, 2015).

Havia ainda os Cafés, aclamados pelos artistas e boêmios do período. Muitos deles localizados também na Praça do Ferreira, como o Café Riche (1913), caracterizados como “locais de alta expressão da vida cidadina como foco de debates de idéias, de comentários políticos e até às vezes principalmente de mexericos sociais.” (ALENCAR, 1980, p.84). Além de outros espaços públicos, como praças, largos e parques.

O que interessa nessa discussão é figurar o cenário da cidade de Fortaleza no início do século XX, com destaque para os divertimentos da vida moderna. As novidades são narradas de forma entusiasmada pelos memorialistas e escritores. As primeiras linhas de *Fortaleza Descalça* revelam o deslumbramento de Azevedo (1992, p.23) : “Quando cheguei em Fortaleza, por volta de 1910, matuto vindo de Redenção, anoitecia. Da janela do trem, através da fumaça lançada em golfadas escuras pela trepidante locomotiva, deslumbravam-me a luz dos combustores de gás.”. Além disso, para os jornais e revistas, tudo significava progresso, desde as frequentes novas edificações até os divertimentos considerados civilizados, como os bailes.

E nesse panorama, como se deu o interesse pela praia? Os próprios títulos dos estabelecimentos de divertimento tinham uma aura moderna, quando não o próprio nome, como é o caso do Cine Moderno. O outro cinema, Majestic, era localizado no maior edifício da cidade até então, sendo “moderno, grande e confortável.” (ALENCAR, 1980, p.46). A praia parecia não se ajustar aos interesses da cidade que se queria civilizada. Era esquecida, mas não completamente, como veremos nos capítulos seguintes.

Capítulo II

O movimento higienista e a cultura *physica*

A cidade plenamente civilizada, entretanto, era uma utopia. Junto à urbanização, a população crescia e os males da aglomeração e as consequências da vida citadina também assomavam. “Desse modo, a própria cidade e suas múltiplas faces, que desenhavam novos ritmos, novos comportamentos e modos de vida tão enaltecidos, convertiam-se também em ameaça ao vigor físico, à boa saúde, ao progresso e à civilização.” (DALBEN; SOARES, 2011).

O estado do Ceará sofre com as constantes secas, e Fortaleza, capital do estado, vai recebendo desordenadamente retirantes. Já em 1900, uma severa seca não poupa o novo século:

As notícias que recebia de sua terra eram as mais desoladoras possíveis. A peste fazia mais vítimas que a fome. A capital tinha ares de cidade morta. Os bexigosos apodreciam em redes armadas nas árvores das praças. Rodolfo Teófilo sentia deveras a desgraça que pesava sobre o Ceará. Testemunha ocular da seca de 1877 e da grande epidemia de varíola de 1878, que chegou a matar em um só dia de dezembro, em Fortaleza, *mil e quatro pessoas*, tremeu pela sorte de seus patrícios, e lastimou a incúria deles, depois daquela tremenda lição, deixarem que de novo a varíola os vitimasse. (TEÓFILO, 1980, p.23)

Rodolfo Teófilo é, dos higienistas cearenses, o nome mais conhecido. Formou-se farmacêutico por falta de recurso financeiro para se fazer médico. Sem apoio do governo¹¹, uma vez que era opositor, a custo de muito esforço próprio organizou uma campanha de vacinação contra a varíola em 1902.

Sobre a mesma epidemia de varíola, o médico e também governador do estado no período, Pedro Borges, expõe sua preocupação em assembléia legislativa de 1º de julho de 1901:

Ao desembarque, diz Dr. P. Borges, se me deparou logo o mais tocante e vivo testemunho da infeliz situação dos retirantes de varios pontos do interior do estado, aglomerados na praia, nas praças, sob as árvores, em completo desabrigo, expostos aos raios de um sol abrasador, - a compungir, na crueza

¹¹ No período o Ceará era comandado pela oligarquia accioloína, liderado por Nogueira Accioly, que esteve no poder de 1896-1900 e de 1904-1912. Seu governo favorecia os coronéis e donos de terra e fechava os olhos para os problemas sociais. Alguns jornais e intelectuais faziam oposição ao seu governo, Rodolfo Teófilo (1980, p.31) era um deles: “O Ceará é uma terra condenada mais pela tirania dos governos do que pela inclemência da natureza.”

do quadro que se offerecia, o aspecto da nudez, da fome, da miseria que a todos attribulava.¹²

É, portanto, nessa situação de calamidade que muitas denúncias de espaços públicos insalubres, hábitos higiênicos e cuidados com o corpo considerados inadequados são publicados em páginas de revistas e jornais, num esforço evidente de incorporá-los ao cotidiano da população fortalezense.

Em abril 1905, o Jornal do Ceará denuncia a epidemia da *Dysenteria* que assola a capital, associando-a aos hábitos alimentares e de higiene social:

A epidemia actual é apenas uma crise de estado mórbido que lavra insidiosamente no seio do organismo de Fortaleza, e que se complica dia a dia. A causa primaria das febres, gripes, diarrhéas etc, está nas fossas fixas, na agua impotavel que bebemos, no leite falsificado que é fornecido ás creanças, nas fructas verdes vendidas na feira, no lixo que se accumula na praia ou nos quintaes.¹³

Ainda em 1907, o lixo ainda era acumulado nos arredores da praia. A higiene nos discursos já não toma um sentido puramente relacionado à saúde, mas também à moral: “Nada mais triste para quem chega de fora ou tenha de desembarcar em nosso porto do que a impressão que causa aquelle monturo enorme que se estende em larga area desde o portão da cadeira publica á linha férrea do ramal da praia.”¹⁴

Nos anos que se seguem, o cenário não se modifica muito. Em 1915 outra seca aterroriza o estado. A princípio os retirantes se instalaram no Passeio Público, local considerado inconveniente pelas autoridades. Mas logo é criado um Campo de Concentração¹⁵, onde todos os retirantes famintos e flagelados ficariam, mesmo a contragosto de Rodolfo Teófilo (TEÓFILO, 1980).

Os males urbanos, contudo, não eram só concentrados no cerne da migração, nas praias abandonadas, nos campos de concentração e outros espaços de

¹²Almanach do estado do Ceará. Fortaleza, 1902, p.176.

¹³ A Epidemia, Jornal do Ceará, Fortaleza, 07 de abril de 1905, p.1

¹⁴ Echos e noticias. Jornal do Ceará. Fortaleza, 19 de abril de 1907, p.2

¹⁵Rodolfo Teófilo (1980, p.54-55) explica o termo: “Os retirantes estiveram no Passeio Público até se preparar no Alagadiço o futuro “abarracamento”, o qual tomou, não sei por quê, nome de “campo de concentração” e o povo batizou de “curral”. O retirante perdeu o seu antigo e expressivo nome e começou a chamar-se “flagelado”. Coisas do tempo e da moda.”. No romance de O Quinze de Raquel de Queiroz, a personagem Conceição também fazia visitas constantes ao que eles chamavam de Campo de Concentração.

reunião dos retirantes. Em publicação bastante exaltada, a revista Jandaia de 1925 aponta como o *Maior Flagello* os órgãos sanitários:

A Commissão Santinaria de mata-mosquitos é um dos maiores flagellos que solapam a nossa terra. As ruas da capital vivem imundas... A carroça do lixo da Prefeitura azedando... O Parque da Liberdade é um verdadeiro torpor chinês... O Pajehú negreja de larvas, lama e lodo...¹⁶

O medo, portanto, estava em todos. Não só nos miseráveis, mas no porto, no ar, na água, nas edificações, nas fábricas, enfim, na cidade. O comércio e a publicidade, pertinentemente, ao perceber esse cenário, iniciam campanhas dos mais diversos produtos redentores dos males do corpo urbano.

Os jornais travam incansavelmente um combate contra o álcool, a mendicância, além de todas as moléstias da nova vida urbana, desde a saúde dos pulmões, os reumatismos, a anemia, até os cuidados com a estética do corpo, os cabelos brancos, os seios e o mau-hálito.

O Correio do Ceará chega mesmo a publicar as Regras da Saúde¹⁷, que consistem em 16 itens:

- 1º - Oito horas de somno.
- 2º - Dormir sobre o lado direito.
- 3º - Conservar aberta toda a noite a janella do quarto de dormir.
- 4º - Conservar a cama afastada da parede.
- 5º - Tomar um banho pela manhã, a temperatura do corpo.
- 6º - Fazer exercício physico antes do almoço.**
- 7º - Comer pouca carne e verificar se foi bem cozida.
- 8º - Comer coisas gordas para nutrir as cellulas que os germens das doenças podem destruir.
- 9º - Evitar o alcool e o fumo.
- 10º - Fazer exercícios physicos todos os dias ao ar livre.**
- 11º - Não consentir que os animes domesticos durmam aos quartos, porque podem ser portadores de doenças.
- 12º - Viver no campo se for possível.
- 13º - Beber boa agua e evitar a humidade e atmosphera aquecida.
- 14º - Variar de occupações.
- 15º - Ter frequentemente alguns dias de repouso.
- 16º - Ser calmo; não se deixar arrebatado pela colera.
(grifo meu)

¹⁶ O Maior Flagello. A Jandaia, Fortaleza, n.51, 03 de maio de 1925.

¹⁷ Regras da Saúde, Correio do Ceará, Fortaleza, 11 julho de 1930.

A lista de hábitos publicada pelo jornal refere-se ao corpo, ao cuidado de si, mas, também, a uma natureza benéfica, na qual esses hábitos deveriam ser internalizados, pois questão de saúde pública. Adquirir um novo hábito ou livrar-se de um já assimilado tem potencial de alavancar uma sociedade forte, saudável e civilizada.

Na lista, chamamos atenção para dois itens: 6º - Fazer exercício physico antes do almoço; e 10º - Fazer exercícios physicos todos os dias ao ar livre. É em meio a recomendações de higiene em geral (limpeza, alimentação, descanso) que as práticas corporais ganham espaço, desde que realizadas conforme as prescrições. Não é imprescindível somente realizar exercícios físicos, mas eles precisam acontecer em horário e local prescrito.

O material de Enéas Campello, que consiste em aparelhos de ginástica e instruções impressas, passa a ser comercializado na Livraria Ribeiro na capital. Na imagem que segue do professor de ginástica transparece o vigor, a retidão e a seriedade, característico de quem está determinado a alcançar seus objetivos. A imagem e legenda se completam, *Força, Belleza e Saude* é o que precisa o corpo citadino.



Figura 2 – Almanach do estado do Ceará 1920



Figura 3 – Almanach do estado do Ceará 1921

Em uma das cartilhas do Professor Enéas Campello, publicada no Almanach do estado do Ceará de 1921, os exercícios são postos em ordem. A ginástica sueca parece ser seu método favorito, apesar de que oferece também métodos e autores diversos. Os halteres são elogiados pelo professor, pois é “proporcional á consistencia de cada individuo, tenho colhidos resultados suprehendens” e não deixa de enfatizar a possibilidade dos aparelhos de serem “adaptaveis a qualquer sexo e a qualquer idade, produzindo um desenvolvimento harmonioso em todo o organismo”.

Enéas Campello simboliza bem um novo tipo de profissional demandando pela nova vida urbana, o professor de *gynastica*. Aliado ao conhecimento médico é ele que detém os saberes adequados relacionado aos exercícios do corpo, tão necessários a manutenção da saúde e disposição.

A cultura physica a serviço da belleza e da força: conserve sua vitalidade é o título de um texto publicado pela revista moderna Ceará Ilustrado¹⁸. A autora de nome aparentemente estrangeiro, Madaleine Taylor, fala da importância dos exercícios physicos para a disposição, uma vida ativa e produtiva. Chega mesmo a descrever um exercício:

Agora, pondo-se de pé, os tornozelos juntos, o corpo erecto, flexione-se para a frente, tocando as pontas dos pés com as mãos, levante-se conservando sem a cabeça erguida. Colloque-se as mãos nos quadris, levantando-as pra cima, inspirando-se fortemente, tendo a bocca fechada, a medida que faz esse exercicio: depois traga os braços para frente, de novo abaixando-os para os lados, acompanhando da expiração. Faça-se esse exercicio umas dez vezes.

A ginástica sueca novamente aparece no discurso, influenciando tais exercícios. O interessante é perceber o lugar sólido que ginástica vai conquistando, a ponto de fazer parte do currículo obrigatório das escolas públicas. A inserção da ginástica no ambiente escolar estava inserida num contexto mais amplo da reforma do ensino, localizada a princípio na Escola Normal e realizada pelo pedagogo paulista Lourenço Filho, em 1922, a convite do governo cearense. Segundo o artigo publicado no Almanach do estado do Ceará, havia “uma profunda crise do ensino primario no Ceará”¹⁹. Por isso foi atribuído ao pedagogo paulista Lourenço Filho um cargo administrativo, no qual ele pôde realizar mudanças significativas no ensino, dentre elas: uma reorganização da Escola Normal, que consistia numa mudança curricular,

¹⁸A cultura physica a serviço da belleza e da força, Revista Ceará Ilustrado. Fortaleza, n.27, 11 de janeiro de 1925.

¹⁹ Almanach do estado do Ceará. Fortaleza, 1922, p.365.

acrescentando-se disciplinas, dentre elas: Anatomia e Fisiologia Humana, Higiene, Ginástica; reformas administrativas, criando novos cargos e cadastros escolares para controle de dados relativos à educação; além de reformas no espaço físico da escola, que agora ganhava novas práticas escolares.



Figura 4 - Almanach do estado do Ceará 1924

Além das crianças, as mulheres pareciam ser uma preocupação a parte, como indica a publicidade do produto *A Saúde da Mulher* com o título “Quanto tempo dura uma Lua de Mel?”:

Dura ás vezes o tempo de uma lua...Dura enquanto permanece o ar contente que reflecte o estado d’alma venturoso da jovem esposa. Mas a alma não governa o corpo. (...) E as Senhoras, sob a ameaça permanente dos seus Incommodos, só podem ter a segurança de não soffrer, si souberem que A SAUDE DA MULHER é o remedio inffalivel das Flores Brancas, das

Cólicas Uterinas, das Regras Demasiadas, doenças, que desencantam e perturbam a phase idyllica da lua de mel.²⁰

As mulheres, devido a sua natureza tão especificamente frágil, precisam de atenção especial. Seja para o consumo de remédios, como é o caso do produto *A Saúde da Mulher*, seja para práticas de exercícios físicos. No trabalho de Luciana de Almeida (2016) sobre a invenção do corpo feminino em Fortaleza as imagens das mulheres nas fontes, em especial nas revistas e anúncios, aparecem com agilidade e leveza a partir dos anos de 1920. O que a permite concluir que:

A imagem da feminilidade é revista: a mulher inerte, robusta, flácida e arredondada é sucedida pela jovem ágil e esguia que encarna a propensão “natural” por atividades físicas. O movimento se integra ao ideal do corpo ativo, articulando beleza, leveza, saúde e dinamismo. (ALMEIDA, 2016, p.180)

Em meio a essa tendência, na década de 1930, tem-se inclusive a fundação de um Sport Club Estudantal Feminino para “alumnas de qualquer estabelecimento de instrução ou de curso particular. ”, tendo como objetivo “o desenvolvimento da cultura physica da mulher, por meio do volley-boll, do tennis, do criquet, do basquet-ball, de excursões campestres, exercicios de tiro ao alvo, etc.”²¹.

As práticas corporais e esportes modernos vão ganhando um espaço sólido na vida cotidiana da cidade, no início do século XX sem muita naturalidade:

Foi em 1913 que, menino, travei conhecimento, por acaso, com o então chamado esporte bretão. E empoleirado na arquibancada natural e excepcional da Avenida Caio Prado, vi aquele bando de homens correndo atrás de uma bola de couro. Devia ser treino. Não havia uniformes e eu mesmo, sem ter a quem perguntar, não entendia bem o jogo. De quando em vez me parecia confuso. (ALENCAR, 1980, p.58)

Mas no decorrer do século XX, o esporte, vai cada vez mais significando um elemento constitutivo de uma vida mais sadia para vários grupos (homens, mulheres, crianças), ritmada de acordo com a cidade. Tal como argumenta Sevckenko (2000), ele possui inclusive uma relação implícita ou explícita com a produtividade

²⁰ A Saúde da Mulher. Correio do Ceará. Fortaleza, 02 de agosto de 1930.

²¹ Sport Club Estudantal Feminino. Correio do Ceará. Fortaleza, 28 de julho de 1930.

econômica, a moral e a disposição. Praticar um *exercício*, um *sport* é constantemente recomendado pelos jornais e revistas, até que seja uma ordem internalizada. Seus contornos vão ganhando significados para além de um prazer individual, um serviço à nação: “A eugenia vai sendo cuidada com carinho entre os povos civilizados: os esportes se derivam entre si para o aperfeiçoamento material da raça e os espíritos reflectem-se mais sãos, mais elevados, mais firmes.”²².

Como vimos, o anseio pela nova cidade moderna trouxe consigo o indesejado. A cidade não pode tudo, ela precisa ser racionalizada para ser civilizada. Os médicos e higienistas alertam para as mazelas urbanas. O corpo precisa estar preparado para o novo ritmo, sendo reeducado. Despontam remédios milagrosos, produtos alimentícios, manuais de ginásticas. Mas por que a inserção de um discurso que fala da necessidade do cuidado do corpo nos parece enriquecedor para a discussão dos usos da praia? Porque acreditamos que tais discursos estavam em consonância com uma nova ideia de natureza que paralelamente se manifestava.

²² O povo. Fortaleza, 07 de outubro de 1931, p.02

Capítulo III

Uma ideia de natureza e a redescoberta do litoral

A ideia de natureza, após a emergência dos centros urbanos, passa por uma transformação de sentido. A invenção da ciência moderna, os males da industrialização, as novas perspectivas religiosas e filosóficas fizeram vir à tona uma nova sensibilidade em relação ao mundo natural (THOMAS, 1988).

O dilema humano entre campo e cidade é uma realidade da época²³. A relação entre ambos guarda muitas contradições. A cidade é, ao mesmo tempo, insalubre como espaço físico e sofisticado nas maneiras e modas; exibida de riquezas, mas dependente economicamente do campo²⁴. O interior, por outro lado, é rude, mas ainda supostamente guarda a moral, a inocência. E é um refúgio da cidade, contudo um refúgio que pode transformar-se em tédio.

Diferente das reflexões de natureza de Thomas (1988), muito mais relacionadas aos possíveis sentimentos voltados aos animais e plantas, a natureza que aqui importa é o litoral em meio a uma cidade que vinha se constituindo como centro urbano. Perceber esses dilemas, entretanto, oferece possibilidade de discussões se pensados em meio ao nosso objeto, que é específico e deve manter seus limites bem estabelecidos. A praia, mesmo nas fronteiras da capital, é aqui pensada como ambiente natural. Essa relação *natureza-cidade* é possível, numa perspectiva reduzida, em *praia-cidade*. As tensões que resultam dessa relação são muito relevantes para buscar o que aqui nos importa: que usos foram possíveis da praia e por que o foram.

No Brasil vem se construindo uma historiografia no que diz respeito aos novos significados e usos da natureza no recorte temporal entre os fins do século XIX e início do século XX, quando algumas cidades brasileiras vão se consolidando enquanto espaço urbano. Essa ideia de natureza só é possível quando contraposta à vida na cidade, pois ela, “A Natureza evocada por médicos, educadores, urbanistas das primeiras décadas do século XX surge como uma espécie de desintoxicação dos regimes

²³ O dilema “campo ou cidade”, bastante discutido no livro *O Homem e o Mundo Natural*, de Keith Thomas (1988), dá-se principalmente na primeira metade do século XIX na Inglaterra, muito embora o tema já fosse presente na literatura no século anterior. No Brasil, a questão se evidencia no final do século XIX e início do XX, como podemos ver neste trabalho. Em ambos, um importante fator é o processo de imigração urbana que se intensifica nesses períodos.

²⁴ A economia do estado do Ceará era baseada principalmente na plantação de algodão, principalmente depois da Guerra de Secessão dos Estados Unidos (1860-1865), quando se amplia a possibilidade das vendas para a Grã-Bretanha (CASTRO, 1987).

de vida próprios da cidade e sonha oferecer uma alternativa ao progresso e aos males modernos.” (SOARES, 2016, p.21).

Rios, serras, montanhas, parques, estâncias hidrominerais e praias passam a ser procurados, a princípio para fins de cura. Em alguns casos, a própria cidade grande oferecia o seu refúgio natural, em outros, a busca se dava por meio de viagens no período de férias, como era o caso da cidade de Campos do Jordão e a praia de Santos, entre outros, que recebiam estudantes do ensino primário nas colônias de férias, ou, ainda, cidades como Poços de Caldas e Serra Negra, onde muitos curistas passam a buscar em suas águas termais a regeneração dos corpos (DALBEN, 2009; MEDEIROS, 2016).

Diferentemente do sertão ou de um interior eminentemente caracterizado pelo mundo rural, a natureza da cidade deve ser a mais domesticada possível, e seu uso, racionalizado. Não só associado à miséria do interior do estado, sofrido pelas secas, agora ela vai ganhando novos discursos que transitavam nos jornais e revistas, elegendo para a natureza um novo lugar. Ou como explica Soares (2016, p.18): “uma nova ordem urbana desenha novas representações da natureza, distanciando-a do mundo rural, fonte de miséria e doenças, de sofrimento e de precariedades.”. A vida ao ar livre no cerne urbano é, portanto, “penetrada pela quantificação, pelas medidas, pela duração dos exercícios físicos (...)” (SOARES, 2016, p.20), além de outros instrumentos de controle de seus usos.

Recomenda-se uma vida ao ar livre, muitas vezes associada à prática de exercícios físicos. Essa combinação é capaz de dar mais vitalidade ao indivíduo, aparecendo quase como indispensável para a vida moderna:

Procure viver a maior parte do seu tempo ao ar livre. Um sport que lhe traga ao ar livre faz uma grande diferença na disposição do individuo. E' outra a sua attitude na vida. E se a pessoa não pôde de fôrma alguma, se entusiasmar por qualquer dos tantos sports conhecidos, sem duvida alguma, pôde dedicar uma certa parte do seu dia a simplesmente andar, a correr, a brincar ao ar livre. São sports que fazem um grande bem ao corpo humano.²⁵

A sugestão é para que se execute plenamente a combinação *sport – ar livre*. Há certa conformação, entretanto, em relação ao *sport*, a possibilidade de sua

²⁵A cultura physica a serviço da beleza e da força, Revista Ceará Ilustrado. Fortaleza, n.27, 11 de janeiro de 1925.

flexibilização para uma simples caminhada, corrida ou até uma brincadeira, mas parece intransigente a introdução *Procure viver a maior parte do seu tempo ao ar livre*. Não há concessão em relação ao *ar livre*.

Educação e saúde tem sua fronteira borrada, e a preocupação com o ar livre, passa até a ser um assunto escolar.



Figura 5 - Almanach do estado do Ceará 1935

Na descrição do Recreatório Infantil, que recebia crianças de Educação pré-primaria, a sua instalação chama atenção. “O Rereatorio se acha instalado ao ar livre. Um lindo caramanchão serve-lhe de vestíbulo. Penetrando a impressão é de encantar.”²⁶. O caramanchão, típica construção de jardins, já prepara para o cenário agradável que se encontra no interior, a exemplo da figura. A serviço da prática pedagógica, a atenção com os jardins também se faz presente:

As crianças, em um ambiente de intensa alegria, trabalham divertidamente. Útil e agradável se conjugam ali, harmonicamente. Os garotos cultivam seus jardins propios e os cultivam com gosto. Uns trazem os carrinhos de areia, outros manejam pequenos instrumentos. Os mais habéis auxiliam os menos dotados nesse mister: é um ambiente de franca colaboração, onde os garotos

²⁶ Almanach do estado do Ceará. Fortaleza, 1935, p.266.

desde logo se habitua á solidariedade, primeiro passa para a vida social. Aliás, tudo, no Recreatório Infantil, se faz em vista de um fim.²⁷

O lugar que a natureza vai ocupando no ensino parece realmente privilegiada como instrumento indispensável. “O mestre, o livro, o contacto com a natureza do meio em que vive, auxiliá-la-ão grandemente a cultivar o seu cerebro e a desenvolver a sua inteligencia.”²⁸, escreve uma aluna do 4º ano do Grupo Escolar do Benfica em 1931. Ela devia estar tão presente nos discursos escolares que aparece ao lado do mestre e dos livros, elementos quase inquestionáveis na história da educação ocidental.

O Jornal Correio do Ceará chega a fazer um *Apelo às mães de família* para que ajudem na arborização da cidade. Nessa nota, entretanto, o apelo relaciona-se muito mais à estética da cidade, do que a ideia de higiene, saúde, caracterizando a arborização como um “grande serviço ao embelezamento”²⁹. Mas não interessa só o aformoseamento da cidade. “É, pois, para as exmas. Mães de familia que dirigimos o instante appello de todos os dias, pela manhã, mandarem deitar um jarro d’água ao pé das tenras arvores e inclinar os seus filhinhos a serem amigos das plantas, tratando-as com todo carinho.”³⁰. É preciso sensibilizar os filhos, já nascidos na cidade, em relação às plantas. Deve-se, portanto, educá-los para amar a natureza.

O que buscamos evidenciar aqui é que a natureza estava em voga, inclusive em discursos institucionais, como é o caso da escola. Entre aqueles da pedagogia do período, recomendações médico-higienistas e importância estética, uma sensibilidade em relação a ela é acentuada. Certamente não uma natureza indistinta, mas uma natureza controlada, em conformidade com a ideia de civilização e capaz de atenuar os males da vida urbana.

Por mais que a questão apresentada não seja capaz, por si só, de evidenciar o aparecimento de novos usos da praia de Fortaleza, ela nos parece muito apropriada para enriquecer a discussão dos motivos pelos quais a praia passa a ser frequentada. Sem a percepção de que nesse período formava-se um deslocamento de sensibilidade em relação à natureza, poderíamos tropeçar numa conjectura assaz

²⁷ Almanach do estado do Ceará. Fortaleza, 1935, p.266.

²⁸ A semana da Criança e o Serviço Sanitario do Estado do Ceara. O povo. Fortaleza, 14 de outubro de 1931, p.02

²⁹ Arborização da Cidade. Correio do ceará. Fortaleza, 01 de julho 1930, p.5.

³⁰ Arborização da Cidade. Correio do ceará. Fortaleza, 01 de julho 1930, p.5.

simples, a qual afirma que a Praia de Iracema só passou a ser habitada porque o centro da cidade deixara de ser um bairro requintado. As elites, então, indispostas com a vulgarização do centro da cidade, teriam buscado logradouros mais afastados, como o bairro do Benfica, Jacarecanga e a Praia de Iracema. Não intentamos negar essa hipótese, e sim acrescentar a ela a emergência de uma sensibilidade no que diz respeito aos banhos de mar e à frequência às praias, que passa a ser possível também nesse momento³¹.

Mas é preciso também pensar a praia enquanto ambiente específico, a natureza de sua natureza. O historiador francês Alain Corbin destaca o período, que compreende do ano de 1750 ao ano de 1840, como momento em que se recria o desejo da beira-mar no ocidente. Até então, o litoral era um lugar que inspirava medo, influenciado principalmente por uma mentalidade religiosa. O dilúvio era associado à ideia de punição e uma natureza tão dificilmente controlável, como o mar, não parecia fazer parte da imagem do paraíso.

É, então, a partir de aproximadamente 1750 que, graças aos discursos que associavam os banhos de mar à terapêutica, que o mar passa a ser apreciado, embora ainda com algumas desconfianças:

Por outro lado, não se pode subjugar o oceano, rebelde a toda domesticação; ali o homem não pode encontrar um autêntico abrigo, construir uma segunda casa. O elemento líquido, irremediavelmente selvagem, representa o estado primitivo do mundo. A própria beira-mar escapa à ação do homem; presta-se mal a aparência da desordem arrumada que tanto agrada no jardim inglês. Acima de tudo, esse lugar insubmisso não conserva o vestígio da história humana; a areia e a água apagam os signos da mesma forma que escapam aos planos. Excetuando-se o porto e o dique, freqüentemente precários, e o espetáculo móvel das velas, a beira-mar não pode oferecer ao olhar as provas de uma natureza domesticada. Para que o litoral penetre no horizonte dos atrativos, será preciso que emerja o desejo do espetáculo sublime e sobretudo que se imponha o imperativo terapêutico. (CORBIN, 1989, p.72-73)

³¹ Em relação a uma nova sensibilidade, emoção ou de uma forma mais abrangente: os dispositivos afetivos, Alain Corbin (1987, p.7) afirma: "Feitas as contas, o mais grave a meu ver não reside mesmo assim no anacronismo psicológico. O pior é a tranqüila, abusiva e cega certeza de compreensão do passado. Delimitar os contornos do pensável, assinalar os mecanismos da emoção nova, a gênese dos desejos, a maneira como, em um tempo dado, se experimentam os sofrimentos e os prazeres, descrever o comportamento, reencontrar a coerência dos sistemas de representação e apreciação, eis o indispensável. Não há outro meio de conhecer os homens do passado a não ser tomando emprestado seus olhares, vivendo suas emoções; somente uma tal submissão permite recriar o desejo da beira-mar, que se eleva e se propaga entre 1750 e 1840."

Segundo o autor, é esse um paradoxo que envolve os frequentadores da praia: a imensidão, o caráter de natureza incontrolável e imprevisível do mar que é capaz de proporcionar um refúgio, a regeneração dos males da vida moderna. "O mar se faz refúgio, causa esperança porque causa medo" (CORBIN, 1989, p.74)

É muito possível que ainda nos séculos XIX e XX tais questões habitem o imaginário ocidental, embora não com a mesma intensidade. Além de Fortaleza, outras aglomerações urbanas litorâneas brasileiras desenvolveram uma relação tardia com a praia e seus benefícios ligados à cura ou ao divertimento, caracterizando-se a princípio muito mais como lugar de finalidades econômicas, ligados as atividades portuárias ou pesqueiras.

No Rio de Janeiro, desde o século XIX, constatam-se banhistas nas praias da capital, mas, é só na segunda metade deste século que se disseminam os discursos dos benefícios do banho salgado, conhecido como hidroterapia. Já no final do século, festividades e competições de natação eram comuns, quando se funda também clubes de natação e regatas (MELO, 2015).

Vinicius Terra (2016) fala da invenção da Praia de Santos, que, assim como Fortaleza, tinha na sua praia um local de despejo de lixo e dejetos, estada dos miasmas. Devido aos esforços dos sanitaristas e higienistas, o local vai sendo recuperado e os banhos de mar e frequência às praias passam a fazer parte dos "hábitos burgueses" (p.215) já no final do século XIX. Em seguida, chácaras, hotéis e clubes são construídos na região da praia, motivando a emergência também de práticas esportivas. Já no século XX, com as instituições mais sólidas, tem-se o aparecimento de colônias de férias de crianças vindas de várias cidades do Estado em busca do revigoramento e divertimento (DALBEN, 2009; DALBEN; SOARES, 2011).

Em Pernambuco, destacamos o trabalho de Rita de Cássia Araújo (2007), que traça uma história social das praias do Recife e Olinda, marcada pelos banhos de mar já em 1840, impulsionados também pelo discurso terapêutico, e, a partir do século XX, associando-se cada vez mais a práticas de divertimento.

Em trabalho sobre as praias do Rio Grande do Sul, Schossler (2013) destaca a estrutura de casas de veraneios que foram imprescindíveis para a frequência das praias, além da discussão entre a finalidade inicial relacionada à terapêutica dos banhos e a seguinte, que passa a ser hegemônica, dos prazeres praianos.

Em meio a um ideário de vida ao ar livre e de novos usos do litoral brasileiro, as especificidades da frequência das praias de Fortaleza no início do século XX, suas tensões e usos serão discutidos no capítulo seguinte.

Capítulo IV

Da Praia do Peixe à Praia de Iracema: entre tensões e divertimentos

4.1. Os usos precedentes da praia (final do século XIX à segunda década do século XX)

Até o início do século XX, o litoral de Fortaleza, assim como outros de cidades brasileiras, não tinha uma movimentação pública, não era um lugar de encontros para maior parte dos habitantes da cidade. Declarar que a praia era vazia, inabitada, entretanto, seria um equívoco, pois uma pequena comunidade de pescadores, considerada miserável, já vivia na orla. Sem cair no mito do “descobrimento”, tão comum na história do Brasil, esse é um cuidado que buscamos ter ao intitular este trabalho. A escolha por *A praia habitada* ocultaria certas tensões e conflitos pelos quais esse ambiente passou como, no caso, da sua mudança de nome de Praia do Peixe para Praia de Iracema. Optamos, portanto, pelo particípio do verbo *reabitar* para chamar atenção para o deslocamento de sentido que se opera na praia, embora o que ocorreu antes, isto é, a história da comunidade dos pescadores, não seja o objeto desta pesquisa.

Muitos estudos sobre Fortaleza nesse período e outros mais específicos sobre o litoral da cidade falam de uma cidade que cresce de costas para o mar. A maioria das importantes construções da cidade não se realizaram próximo à praia e quando ocorriam, eram edificações sem prestígio social, como é o caso da Santa Casa e a Cadeia Pública. Ou eram voltadas com a frente para o sertão, e não para o litoral, como a Estação Ferroviária (SCHRAMM, 2001; MATOS, 2009).



Figura 6 - Vista geral da praia - Álbum de vistas do estado do Ceará, 1908

A recorrência do mar e da praia nos Jornais até a segunda década do século XX aparece vinculada principalmente a três assuntos: i) à sujeira, através de notas, com sentidos nitidamente críticos em relação ao estado da praia; ii) aos trabalhadores da praia, pescadores e estivadores; iii) às notícias de afogamentos.

O litoral enquanto local de despejo de lixo e dejetos é outra evidência de sua desvalorização. Otacílio de Azevedo, em *Fortaleza descalça*, descreve a lamentável cena dos carregadores de quimoas, como eram chamados os barris de madeiras com detritos fecais das casas. “Aquele horrendo vasilhame era uma séria ameaça não só a saúde, mas também aos brios de uma província que se dizia civilizada.” (AZEVEDO, 1992, p.129). Os miseráveis, bêbados, que se prestavam a esse serviço eram evitados ao passar pelas ruas, até que chegassem ao seu destino final:

De onde quer que partissem, os quimoeiros passavam obrigatoriamente pela frente da Santa Casa, descendo o calçamento que dava no velho Gasômetro, rumo à praia. Ali chegando, fétido carregamento era atirado ao mar, a barrica lavada e o homem voltava, passando pela antiga Rua Formosa, hoje Barão do Rio Branco. (AZEVEDO, 1992, p.130)

A situação da praia era descrita de forma deplorável. Em nota do Jornal do Ceará, é possível perceber como a concentração de lixos e dejetos na praia mexia com os sentidos dos que nas proximidades passavam:

Não ha quem chegue á gare da Estrada de Ferro que se não veja logo em athmosphera irrespiravel, attenta a quantidade enorme de fumo que, levado pelos ventos, penetra todas as dependencias da Estação, asphixiando quasi completamente a quantos lá estejam e que tem que abandonar seus logares para vir fora respirar um pouco de ar puro.³²

O segundo assunto são os trabalhadores do mar, principalmente representados pela figura do pescador. Em alguns momentos, essa figura sugere pena pela sua pobreza:

Hontem, tendo ido á Aldeióta, segui d'alli rumo da praia em direcção ás jangadas.
Há por alli uma população laboriosa e pobre. Abrigam se as famílias sob pardieiros llastimaveis, no alto e ao sopé das dunas brancas, faltos de todo conforto – miseraveis como a própria indigencia.³³

Em outros, entretanto, aparece como um símbolo heróico local. O mais emblemático é Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar, o primeiro jangadeiro a liderar um movimento que se negava a embarcar escravos no porto em 1881³⁴. Ele aparece nos jornais do século seguinte e nas narrativas dos memorialistas. O valor simbólico da imagem do pescador de uma forma geral é tão forte que no brasão do estado do Ceará³⁵, instituído em 1897, junto à imagem que representa o mar, uma jangada se faz presente ao centro. Como singelamente diz o escritor cearense Eduardo Campos (2003, p.123): “Quem diz mar, diz jangada, diz jangadeiro.”

A vida dos pescadores é a vida da praia. Especialmente os escritores e memorialistas exaltam a “heróica gente do mar”³⁶. Gustavo Barroso não poupa seus professores do colégio Partenon e Liceu do Ceará, ao dizer que eles “perdem longe para João Damásio, humilde pescador e conhecedor das artes do mar” (CAMPOS, 1988, p.44). Serenidade, coragem, simplicidade, melancolia e devoção à religião e ao mar são características que inspiram um imaginário literário dos pescadores. É quase com inveja

³²Jornal do Ceará. Fortaleza, 19 de abril de 1907, p.2

³³Jornal do Ceará. Fortaleza, 21 de março de 1908, p.1

³⁴O Ceará foi considerado o primeiro estado a abolir a escravidão no Brasil em 1884, quatro anos antes da Lei Áurea. (CASTRO, 1987). Para mais informações buscar *A abolição no Ceará* de Raimundo Girão.

³⁵O brasão exhibe as três paisagens do estado: serra, sertão e mar. E foi oi instituído inicialmente através da lei nº 393 de 22 de setembro de 1897, durante o governo de Antônio Pinto Nogueira Accioly.

³⁶ MENEZES, 1997, p.86.

que parece escrever Juvenal Galeno os versos: “Ai vida de pescadores... Quem me dera vida igual!”³⁷.



Figura 7 - Porto das Jangadas - Álbum de vistas do estado do Ceará, 1908

³⁷Os Pescadores. Almanach do estado do Ceará. Fortaleza, 1899, p.133.



Figura 8 - Bairro dos Pescadores - Álbum de vistas do estado do Ceará, 1908

A figura dos pescadores, então, parece estar rodeada por uma tensão, ao mesmo tempo em que envoltos numa áurea mística, são estigmatizados por sua ignorância. Na sua missão de vacinação contra a varíola, Rodolfo Teófilo vai ao bairro do Outeiro e se surpreende:

Homens do mar em sua maioria, embarcadiços, e trabalhadores da praia, sempre de faca ao quarto e um pouco de aguardente na cabeça, não podem ser lá muito pacatos e ordeiros. Eu supunha encontrar grandes dificuldades no meio dessa gente cuja fama de desordeira é tradicional em Fortaleza. Enganei-me. Me receberam bem; e rara foi a família que se mostrou esquiva a vacinação.³⁸

A fama que tinha os pescadores de desordeiros e, mais ainda, de simplórios, ordinários ainda será uma questão aqui discutida quando a disputa pelo

³⁸ Jornal do Ceará. Fortaleza, 19 de outubro de 1904, p.3.

espaço da praia se aferventa. Esse lugar do pescador na simbologia da região será posto em contraponto à ideia do homem civilizado e moderno.

O terceiro e último assunto que aparece com certa recorrência nas fontes (e que não deixa de aparecer nas décadas seguintes) são os afogamentos. Aparecem em forma de nota, lamentando o ocorrido. As vítimas eram crianças e adultos que se aventuravam a banhar-se nas águas do mar fortalezense. Normalmente com o título *Afogado*, as notas eram sempre muito parecidas:

Terça-feira ultima, em quanto tomava banho no mar, com um sobrinho, arrastado pelas ondas, desapareceu o snr. Antonio Joaquim Quintella que de Manáos chegára, ha pouco tempo, a esta capital, e cujo cadáver só antehontem foi encontrado para o lado da barra do rio «Ceará».³⁹

O que nos chama atenção, entretanto, é que se haviam afogamentos, e eles pareciam ser regulares, o banho de mar já era uma prática realizada. Até as duas primeiras décadas do século XX, não se encontra com muita frequência, nos Jornais e revistas, referências aos banhos, seus benefícios ou outras práticas para fins de cura ou divertimento na praia (banhos de sol, caminhadas, corridas, natação). Esses discursos não estavam ainda disseminados. Isso não impede, porém, que certas pessoas, não só os pescadores, já nutrissem um interesse pelo litoral.

Algumas fontes nos levam a pensar dessa forma, principalmente a literatura. No romance *A Afilhada* de Manuel de Oliveira Paiva, escrito em 1889, parece ser com muita naturalidade com que a jovem Maria das Dores se banhava nas águas salgadas do Meireles:

Mergulhava na onda com um prazer que antes não sentia, e aquilo sim, era bom. Gritava também, queria envolver-se com a espuma e boiar naquela cama de água, naquele colchão vivo que parecia possuir mil segredos. Vinha ao sêco e voltava num rodopio como um padrinho espantado. Sumia-se no mar e a onda abaixando, reaparecia o busto com os cabelos tapando o rosto, os quais num gesto rápido, ela sacudia para as costas. (PAIVA, 1961, p.15)

A ida ao Meireles, no período, um bairro mais afastado e praiano, parecia ocorrer não durante um dia, e sim uma estadia de vários dias. Das Dores ia com as Irmãs do colégio em que estudava, e não só os banhos pareciam as práticas mais comuns, as caminhadas também faziam parte daqueles dias. A descrição da relação da

³⁹Afogado. Jornal do Ceará. Fortaleza, 04 de agosto de 1911, p.1

jovem com a experiência da praia é minuciosa, possibilitando a revelação de sentimentos envolvidos na relação do corpo com a areia, a espuma, a roupa molhada, a nudez dos pés. Essas nuances deixam ver que aquela experiência era muito mais de divertimento do que de cura, afinal ela “Deixava constrangida o mar. A última a sair, e depois da Irmã chamar por três vezes.” (PAIVA, 1961, p.15).

O romance também nos permite traçar alguns limites espaciais da praia. O título de Praia do Peixe não é citado em momento algum⁴⁰, fala-se principalmente em Meireles, como era conhecido o bairro dos pescadores, característico pelo seu vasto coqueiral. Na descrição do romance, chegava-se até o Mucuripe, local já considerado longe da cidade efetivamente, aparentemente um limite.

Em um livro de memórias de Gustavo Barroso, que teve a infância e juventude entre fins do século XIX e começo do XX, dentre as *tentações das vadiagens* do seu tempo de menino, ele lista os “Banhos de mar com mergulhos sob as vagas verdes e descabeladas no Pocinho da Praia.” (BARROSO, 1939, p.21) e “Em agosto, luars maravilhosos, embriagadores, com os banhos de mar noturnos e as idas ao Mucuripe e ao Meireles para comer saborosas peixadas.” (BARROSO, 1939, p.22).

O jornalista e escritor Raimundo de Menezes, também relata das *peraltices*, conhecidas também como diabruras de criança. Armados de baladeiras (estilingues), os *peraltas* iam ao Mucuripe caçar passarinhos e “Depois, à hora da canícula mais forte, eram os banhos intermináveis no córrego ou na praia!” (MENEZES, 1977, p.93). E, narra comicamente, um episódio que ocorrera com o Coronel Israel Bezerra de Menezes:

De uma feita, em plena Semana Santa, nos seus tempos de menino, mandara-os o progenitor severo que fossem ambos assistir às prédicas que realizava na Sé um sacerdote notável na arte oratória. Os dois, porém, em vez de irem ouvir a palavra autorizada no ministro católico, acharam de melhor alvitre demandar a praia para um banho de mar. Às horas tantas, de volta à casa, certos de que já terminara a prédica, foram abordados pelo pai, que, atrás da porta de entrada, os esperava. O sermão na Sé há muito findara...

- Então, meus filhos, gostaram muito da prédica do Padre Xavier?, interpelou o velho Bezerra.

- Muito, papai, responderam Israel e Antônio.

- E sobre que assunto falou o orador? continuou ele a indagar.

⁴⁰ A primeira aparição da terminologia praia do Peixe por nós verificada foi em 1905, no poema de Franlu Vaz no dia 14 de agosto no Jornal do Ceará. É muito possível que o poema não tenha dado o nome a praia, mas deve ter sido em torno desse período que foi nomeada Praia do Peixe. As fontes anteriores se utilizam o simples termo praia, Porto das Jangadas, Poço da Draga ou Meireles.

- Ah! papai, sobre as misérias do mundo: disse que este mundo está irremediavelmente perdido...adiantou Israel, mais afoito, certo de que ludibriava o velho!
- O mundo está perdido, hein! Perdidos estão vocês, seus canalhas, pensando que me enganam, gritou o velho.
E a lenha gemeu mais forte que nos outros dias...
(MENEZES, 1977, p.94-95)

Embora o episódio se encerre com uma surra, não é possível percebermos se os banhos de mar eram uma prática proibida ou permitida. A *peraltice* dos meninos, entretanto, deixa entrever que se tratava de uma prática de diversão, em que se perde a noção do tempo, pois “*O sermão na Sé há muito findara...*”. É com um tom muito saudosista e divertido que são narradas as visitas às praias pelos memorialistas.



Figura 9 - Porto das Jangadas - Álbum de vistas do Ceará, 1908

Na fotografia datada de 1908, publicada no Álbum de vistas do estado do Ceará, vemos crianças brancas e uma mulher negra, possivelmente uma ama.

Aparentemente as crianças pertencem a um grupo social favorecido devido às vestimentas e pelo simples fato de possuírem uma ama. Nesse caso, é mais plausível supor que havia uma permissividade em relação à praia, embora ela ainda não fosse tão venerada.

Por mais que não possamos afirmar quais motivos os levaram a estar na praia, se por divertimento ou recomendações médicas, a foto, não de um arquivo pessoal, mas escolhida para compor um Álbum do estado, mais uma vez revela o interesse, mesmo de famílias abastados, de expor a praia.

Há ainda uma última fonte que aponta para a frequência das praias antes da década de 1920. Assumimos, entretanto, que essa fonte possa ser inexata. Em 1896, anexo ao Almanach do Estado do Ceará, um Orçamento da Câmara Municipal de Fortaleza para o ano de 1897 é publicado. Nesse documento, constam as possíveis receitas e despesas, e, dentre as receitas, no 37º parágrafo é designado “30\$000 para ter barraca fixada para banhos de praia”⁴¹. Essa fonte nos faz acreditar que já no final do século XIX havia barracas e banhos de mar em Fortaleza. Não podemos descartar a hipótese, entretanto, de que tal documento seja influenciado pelo de outras cidades brasileiras, como do Rio de Janeiro, onde essas práticas já eram mais consolidadas. Embora algumas fontes tenham apontado para os banhos de mar já no século XIX, como no romance de Manuel Oliveira Paiva e nas memórias de Gustavo Barroso, não encontramos qualquer menção a barracas de banho neste período.

Essas foram, portanto, as incipientes relações com a praia até aproximadamente a segunda década do século XX. Juntamente aos discursos higienistas do novo século e a reestruturação de uma nova sensibilidade em relação à natureza, esses primeiros interesses e práticas possibilitaram o novo desenho que a praia viria a ter nos anos seguintes.

4.2 Da Praia do Peixe à Praia de Iracema

A partir da década de 1920 é notório que o interesse pelo litoral passa a ser difundido. Agora não só os pescadores, estivadores e travessas crianças o buscam, mas também, e cada vez mais, os grupos sociais favorecidos, as elites. Não é por acaso

⁴¹Almanach do Estado do Ceará – Orçamento da Camara Municipal de Fortaleza para o ano de 1897, 1896, p.7

que é nessa década que surgem as primeiras casas requintadas e “bungalows” na beira da praia e até um cinema, chamado Beira-Mar, é construído na Praia do Peixe (SCHRAMM, 2001).

Depois de citar nomes de coronéis, desembargadores e outras importantes figuras sociais da cidade de Fortaleza que haviam construído residência na Praia de Iracema, conclui a nota intitulada *Balnearias*: "Está chic agora a Praia. Quanta gente elegante faz o verão ali."⁴² Castro (1987) relata que no início as casas na praia eram mais frequentadas no período de férias e finais de semana. Havia, inclusive, muitos anúncios nos jornais de casas para alugar com endereço na Praia de Iracema: “Aluga-se todo para a família ou quartos para casal ou rapazes (...)”.⁴³



Figura 10 - Vila morena, uma das primeiras casas a ter destaque na orla de Fortaleza. Construída entre 1920 - 1924 por José Magalhães Porto - Arquivo Nirez

É em meio ao entusiasmo de novos grupos sociais pela praia, manifesta necessariamente por um distanciamento do seu sentido anterior, que a cronista Adília de

⁴² Balnearias. Ceará Ilustrado. Fortaleza, n.70, 08 de novembro de 1925.

⁴³ Chalet. Jornal O povo. Fortaleza, 20 de novembro de 1928, p.4.

Albuquerque Morais sugere, em 1924, a construção de um monumento em homenagem a Iracema, personagem da célebre obra de José de Alencar, escritor cearense. Seria esse o começo institucional de um deslocamento de sentido que o litoral fortalezense assistiria.

No ano seguinte, inicia-se uma campanha bem-sucedida para a mudança do nome da Praia do Peixe para Praia de Iracema, liderada pela mesma jornalista e apoiada por Júlia Galeno, poetisa filha de Juvenal Galeno; Demócrito Rocha, jornalista que viria a ser o fundador do jornal O Povo em 1928; Júlio Maciel, poeta prestigiado; Beni Carvalho, advogado e político; e Gastão Justa, também jornalista.



Figura 11 - Comissão de Intelectuais que deu o nome de Praia de "Iracema" a antiga Praia do "Peixe" – Arquivo Nirez

Nesta imagem vemos os líderes da campanha acima citados, na praia. São todos eles indivíduos com certo prestígio social na sociedade fortalezense, considerados membros de elites, principalmente intelectuais. Suas vestimentas e postura contrastam com a paisagem ao fundo, composta de jangadas, coqueiros, casas aparentemente simples e um cachorro curvado. Os argumentos defendidos por essa campanha revelam a insatisfação que enseja este contraste. Esse cenário vai ficando cada vez mais antigo, pois “Com o estabelecimento de outras formas de sociabilidade, muito diversas das que

lá ocorriam, os grupos que chegavam criam a necessidade de se forjar uma nova imagem para aquele lugar, que expressasse seus hábitos e valores. ” (SCHRAMM, 2001, p.37).

Iracema já era um personagem com muita fama na cidade de Fortaleza. Seu nome era usado para intitular instituições e comércios frequentados pelas elites da cidade. Como exemplo tem-se: o Clube Iracema, fundado em 1884, o Café Iracema, lembrado por Otacílio de Azevedo (1992) como ambiente requintado e a Fábrica Iracema, famosa pela produção de cigarros.

Antes da campanha pela mudança de nome, Iracema já era evocada quando se falava da praia, possivelmente pelo trecho inicial da obra: “Verdes mares bravios da minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba; verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros.” (ALENCAR, 2006, p.95). Em poesia sobre sua chegada e desembarque no Ceará, entretanto, o poeta Manuel Bandeira, conclui com os jocosos versos sobre a fama do trecho de Alencar:

Olhando a vastidão magnífica do mar,
Que ressalta o reluz: -“Verdes mares bravios...”
Cita um sujeito que não leu, nunca, o Alencar!⁴⁴

A Iracema e a praia pareciam já ter alguma relação prévia no linguajar do período, mesmo para aqueles que nunca haviam lido o romance, como brinca Manuel Bandeira. No Jornal do Ceará, ao lembrar o episódio do conflito entre estivadores grevistas e militares do governo, utiliza-se a expressão: “(...) triste execução da praia de Iracema”⁴⁵. O termo ainda não se apresenta com nome próprio (Praia de Iracema), trata-se muito mais de um recurso poético utilizado pelo jornalista, muito embora Iracema não tenha tido uma relação estreita com o litoral no romance de José de Alencar⁴⁶.

A reputação de Iracema está menos relacionada efetivamente à praia, e mais ao mito que ela evoca. Contextualizada no início do período Colonial, a índia dos lábios

⁴⁴ Ao descer. Jornal do Ceará. Manuel Bandeira, 18 de março de 1908, p.1

⁴⁵ Jornal do Ceará, 22 de maio 1905, p.2

⁴⁶ Iracema pertencia originalmente ao povo tabajara, que habitavam parte do interior do estado, mais especificamente a serra da Ibiapaba. Ao escolher juntar-se a Martim, português aliado da tribo pitiguara, habitantes do litoral, a índia trai seu povo, mas gesta o primeiro cearense e brasileiro. Apesar de passar a habitar o litoral, não há descrições do envolvimento dela com a praia com qualquer força emocional ou simbólica.

de mel é tão estimada porque gera o primeiro indivíduo brasileiro. Sua história é, segundo Franchetti (2006, p.54), a “representação alegórica da origem da nação brasileira”. Soma-se a isso, todo o prestígio literário e político que seu autor, José de Alencar, veio a conquistar no âmbito nacional no decorrer do século XIX.

O conjunto dos líderes da campanha, intelectuais e profissionais liberais, parecia se identificar mais com elegância, poesia, alegoria do título Praia de Iracema, já que Praia do Peixe soava assaz vulgar :

Aquelle recanto, aquella marinha cearense, perde muito de sua belleza com esse nome de Praia do Peixe, nome que exhala tanta maresia e tão intenso fartum de visceras de garôpa expostas ao sol, á vista enbiçosa dos urubús malandros.

Foi, por isso, muito feliz a idéa daquelles moços - idéa abralada de prompto pelas familias que habitam a Praia do Peixe - de atirar-se fóra, lá para longe, esse nome tão prosaico e que parece dizer uma tolice - que as demaes praias não têm peixe...

-PRAIA DE IRACEMA, sim!

Praia de Iracema, da «virgem que tinha os labios de mel e os cabellos mais negos que as azas da graúna»...

Vença a idéa feliz!⁴⁷

Além disso, “Pensar e enunciar os lugares da cidade, e nela se orientar por outros nomes, implica apropriar-se de seus territórios e dar-lhes significado, imprimir no traçado urbano as marcas subjetivas da experiência cotidiana (...)” (SILVA FILHO, 2001, p.56). Muito mais que modificar um nome, há a intenção oculta de inculcar-lhe um novo sentido em afinidade com os interesses modernos, capaz de admitir novas práticas:

Parece que, com a mudança do feio nome de Praia do Peixe, a mais formosa marinha cearense, encanto da nossa sociedade elegante, está adquerindo um desusado movimento nestes ultimos dias.

Ranchos de namorados felizes e sorridentes confundem os seus arrulhos com o marulho das ondas: automoveis businam: ouvem-se risadas e canções.

Consta mesmo que alguns poetas indigenas tencionam abrir nesta revista um concurso de sonetos sobre as maravilhosas perspectivas que aquella praia nos suggestiona.

Influencia do novo nome...⁴⁸

Dessas novas práticas, cabe destacar no trecho acima, os encontros de casais e as risadas e canções como evidências de que a praia agora era habitada, era um

⁴⁷ Ceará Ilustrado. Fortaleza, n. 51, 28 de junho de 1925.

⁴⁸ Praia de Iracema. Ceará Ilustrado. Fortaleza, n.52, 05 de julho de 1925.

lugar de encontro que ia se constituindo na cidade como um espaço romântico. Os automóveis e suas buzinas formam o desenho de uma praia moderna, próxima ao centro urbano. Assim como o primeiro avião a pousar na capital cearense, o Latecoére, na Praia de Iracema (FIG.12). Ainda que não estivesse prevista esta parada, pois se tratava de um estudo de uma linha postal que ligasse Buenos Aires a Belém do Pará, tal acontecimento alimentou ainda mais a áurea de novidade que envolvia Praia de Iracema. E o concurso de sonetos, muito comuns no período, é mais uma afirmação da elite intelectual, que passa a frequentar a praia e adorá-la a seu modo.



Figura 12 - Praia de Iracema. Primeira aterrissagem do avião da empresa Latecoére em Fortaleza, 1927. Ah, Fortaleza - Arquivo Gerard Boris

O entusiasmo registrado nas fontes, principalmente das revistas, revela uma praia cheia de novidades, um local de deleitamento, inspiração quase sublime, como no texto de página inteira publicada pela revista Bataclan em 1926:

Supremo encanto de Fortaleza!
Esbatida de luz e estuante de vida e de beleza, pelo tumultuar da elegancia que a percorre em brincos e passeios, desde que rompe o sol até que o luar, todo, se derrame sobre a terra, envolvendo-a em branda e cariciosa luminosidade, a praia de Iracema vibra na mais intensa effervescencia, pelos

dias e noites de verão, como suave refrigerio de canicula e dilecto refugio da poesia.
(...)
- Maravilha da natureza! Supremo encanto de Fortaleza, ó deliciosa praia de Iracema!⁴⁹

Contudo, afora os conflitos de denominação da praia e um processo de reocupação, outras tensões expressavam-se em relação às regras sociais daquele novo espaço.

O tema da cura ou do divertimento tem aparecido com muita recorrência nos trabalhos acerca do litoral e da natureza de uma forma mais geral. Na obra de Corbin (1989), os curistas é que estabelecem um movimento de frequência às praias do Ocidente europeu a partir de 1750, tendo como motivação as indicações da medicina. Baseados na ciência moderna esses preceitos médicos consistiam em recomendações dos usos considerados adequados da praia e dos banhos de mar, tendo em conta o horário, o clima, temperatura da água, o tempo de permanência na água e exposição ao sol. Tais preceitos variavam no decorrer do tempo e das novas descobertas da medicina. Muito embora Corbin assuma que havia casos de banhistas que iam à praia por puro gozo, antes de 1750, esses casos eram esporádicos. Na sua narrativa histórica a terapêutica é fundamental para a descoberta da beira-mar, em especial a prática do banho: “Muito rapidamente, a invenção da praia acompanha a descoberta das virtudes da água do mar.” (CORBIN, 1989,p.82).

Na invenção das praias brasileiras, entretanto, talvez por sua chegada mais tardia, a cura e o divertimento parecem estar mais próximos, senão até borrados⁵⁰. Em estudo sobre as colônias de férias infantis em São Paulo, Dalben (2009) e Dalben e Soares (2011) revelam algumas nuances da diferença entre as colônias de férias que se davam em Campos do Jordão, cidade serrana, e em Santos, cidade praiana. Ainda que a cura e o divertimento estivessem presentes em ambas, os autores afirmam que na praia as práticas estavam mais revestidas de prazer se comparada à serra, lugar que se aproximava mais da terapêutica.

⁴⁹ Praia de Iracema. Bataclan. Fortaleza, n.02, 10 de julho de 1926.

⁵⁰ Há ainda outros estudos sobre a discussão entre natureza para fins de cura ou de divertimento, por exemplo: Medeiros (2016) sobre as estâncias hidrominerais, manifesta em seu trabalho pelas figuras dos curistas e turistas; e nas praias do Rio Grande do Sul o tema também aparece nos trabalhos de Schossler (2013),(2016) e Freitas (2011).

Já Victor Andrade de Melo (2015), em estudo sobre a natação no Rio de Janeiro, destaca mais uma relação sucessiva: “Na verdade, deve-se ter em conta que, se a princípio eram eminentemente considerados como práticas terapêuticas, posteriormente esses costumes se articularam com a nova dinâmica de entretenimento em gestação da cidade, que por sua vez induzia a uma nova perspectiva de ocupação das praias.” (MELO, 2015, p.309).

Em Fortaleza, sobre a discussão da finalidade do banho, se para fins de divertimento ou de cura, uma nota foi publicada na Revista Ceará Ilustrado, intitulada o "Chefe de Polícia e o banho de mar". Nela o Chefe de Polícia pretende proibir o banho para fins de divertimento:

Muita gente, entretanto, mergulha no mar por méro desporto, por medidas de hygiene, ou por volupia de exhibir, ao sól dos tropicos, as curvas musculosas «que a natureza fartamente quiz lhe dar». O sr. chefe de policia deliberou, porém, restringir os banhos de mar ás pessoas graves e sisudas, não permitindo que as creaturas alegres alli se possam igualmente banhar, com o mesmo vestuario do resto das gentes.⁵¹

Essa questão não se estende nas fontes. Ainda que a revista publique a notícia, ela parece dar pouca importância para a decisão, posicionando-se contra a proibição e a favor do uso recreativo da praia. Isso porque alguns trechos possuem tom pilhérico, por exemplo o desfecho "Proiba o banho de mar, mas não complique o delegado."⁵². Muito mais que uma ameaça aos banhistas, a ordem parecia colocar em confronto o Chefe de Polícia, quem tomou a providência, e o delegado, possível responsável por sua execução. Além disso, a própria nota se inicia com uma descrição plena de admiração em relação aos banhistas:

(...) o espectáculo sempre atrahente dos banhos de mar, em que os cavalheiros, as senhoras, as senhorinhas e as creanças, retroagindo aos tempos..., velando o tronco e exhibindo pernas e braços, uns mais grossos, médios e roliços, outros mais finos, ossudos e angulosos, correm, ao ar livre, rolam na areia e mergulham nas aguas, mythologicamente, como Neptunos e Sereias.⁵³

⁵¹ O Chefe de Polícia e o banho de mar. Ceará Ilustrado. Fortaleza, n. 52, 05 de julho de 1925.

⁵² O Chefe de Polícia e o banho de mar. Ceará Ilustrado. Fortaleza, n. 52, 05 de julho de 1925.

⁵³ O Chefe de Polícia e o banho de mar. Ceará Ilustrado. Fortaleza, n. 52, 05 de julho de 1925.

Embora a revista acredite que o mais aprazível seja a liberdade dos banhistas, ela também não nega, senão anuncia que:

O banho de mar é uma therapia elegante e de tanta efficacia, quanto aquella nauseabunda e prosaica do azeite de carrapateira.

O corpo medico preconisa aos seus doentes de affeições nervosas, porque os facultativos observam que os pacientes se tonificam e enrijam ao contacto das aguas salgadas.⁵⁴

Os preceitos, recomendações e medidas terapêuticas não aparecem com grande frequência (ou de forma explícita) nas fontes, o que não significa que esses dispositivos tenham sido irrelevantes para a aparição dos novos usos da praia. Como foi discutida nos capítulos anteriores, em especial no segundo, a ideia de saúde relacionada ao um corpo belo é anunciada por tais discursos. E, ainda que os banhistas rolem na areia e mergulhem na água de maneira despreziosa, eles exibem curvas musculosas, pernas e braços nus, sinais ou não de uma boa saúde. Aqui, entendemos que as práticas que escolheram a praia como cenário, mesmo que priorizassem o divertimento, não negaram o sentido terapêutico e regenerador dos banhos de mar e da natureza praiana de uma forma geral⁵⁵. Nesse sentido, algumas recomendações apareciam em prol do cuidado com o corpo em jornais, mais na direção de alerta ou publicidade, embora não se dirigissem somente aos banhos:

O sol é um remedio que devemos usar, mas de que não devemos abusar. O verão é uma optima occasião para calcificar o organismo. Os medicos aconselham aos adultos e ás creanças fazer nessa época provisão desse elemento indispensavel ao organismo.

(...)

Senhores desportitas não se deixem descascar ao sol das praias, tomem Candiolina e verão como lhes augmenta a capacidade physica.

Cuidado com o sol, senhores desportistas!⁵⁶

Outro ponto interessante a ser ressaltado é que o banho de mar enquanto prática terapêutica parecia já fazer parte de um imaginário popular. O poeta e jornalista Juvenal Galeno, dedicou grande parte de sua obra aos folclores, cantigas e costumes do

⁵⁴ O Chefe de Polícia e o banho de mar. Ceará Ilustrado. Fortaleza, n. 52, 05 de julho de 1925.

⁵⁵ Acreditamos também que a ausência de discursos médicos relacionados diretamente às práticas dos banhos de mar deve-se a uma escolha metodológica. Poderíamos ter explorado os discursos médicos, portanto, estudar livros ou manuais de medicina. No entanto, o recorte aqui feito em torno do divertimento e muito pouco se encontrou sobre o assunto.

⁵⁶ Correio do Ceará, 03 de julho de 1930, p.3.

Ceará. Em livro sobre Medicina Caseira, Galeno (2010, p.108) anuncia os banhos de mar como tratamento:

Sempre foi aconselhado
Banho nas águas do mar,
Para quem sofre histeria
De vez em quando a chorar.

Nas hemorroidas dos velhos
E nas do moço também,
Com clisteres da mesma água
É útil, fazendo bem.

E a mocinha enfraquecida,
Por amor contrariado,
Na praia cante modinha
E tome o banho salgado.

É que açoitada das ondas,
Fica forte e com juízo:
O tubarão não surgindo,
Não haverá prejuízo.

O primeiro verso, *Sempre foi aconselhado*, nos dá a ideia que Galeno refere-se a um tempo anterior ao seu. Juvenal Galeno viveu do final do século XIX até o começo do XX, é muito provável, portanto, que já em meados do século XIX, senão anteriormente a prática dos banhos de mar para fins de cura fosse comum. Embora reconheçamos que neste momento não possuíam ainda o aparato científico que viriam a ter no começo do século XX, quando os discursos médicos e higienistas passam a exercer um forte poder sobre o cotidiano de indivíduos e grupos.

Entendemos, dessa forma, que uma suposta polarização cura-divertimento no litoral da cidade de Fortaleza foi muito incipiente, pois a finalidade de cura dos banhos de mar, mesmo que não embasadas pelo discurso científico e sim pela crença popular, parecem ser anteriores aos interesses relacionados ao prazer. Entretanto, no período que abarca o recorte temporal desta pesquisa, essa questão não parece ter gerado grandes tensões, já que só foi explicitamente expressa apenas na publicação "Chefe de Polícia e o banho de mar" da revista Ceara Ilustrado.

Destacamos, mais uma vez, que embora os divertimentos se sobressaíssem, principalmente depois dos anos de 1930, não significa que a praia e o banho de mar, em especial, passassem a ser desacreditados como utilidade terapêutica.

É plausível afirmar que esse sentido não tenha sido esquecido, e sim internalizado, compondo um novo imaginário da praia do século XX.



Figura 13 - Cartão postal da Praia de Iracema (1931), Loja Chrysanthemo - Arquivo Nirez

Considerações Finais

A praia da cidade de Fortaleza, assim como a de outras cidades litorâneas do Brasil, foi cenário de um deslocamento de sentido. Inicialmente era um local principalmente voltado para atividades pesqueiras e portuárias e, a partir da década de 1920 passa a ser um espaço de encontro e divertimento, sentido que vai se solidificando do decorrer do século XX.

Essa mudança de sentido que se operou no litoral fortalezense não deve, contudo, ser atribuída unicamente a uma explicação relativa ao crescimento urbano da cidade, isto é, à busca por bairros mais afastados do centro, quando este ia tornando-se cada vez mais um local populoso e popular. Essa interpretação, bastante aceita em livros sobre a história da cidade, é possível, mas insuficiente.

Nesta pesquisa aqui apresentada, foram levantados alguns discursos que ocupavam um lugar importante na sensibilidade, na mentalidade e nas práticas da época, em especial o aparecimento de um discurso médico fruto do prestígio que conquistou a ciência moderna no Ocidente nos séculos anteriores. Os preceitos médicos elegem um novo lugar para a cultura *physica*, exaltando-a com poderes relativos à saúde e a moral. Junto a isso, tem-se a emergência de uma sensibilidade voltada à natureza frente à nova vida urbana e moderna. Ou, como sugere Keith Thomas (1988), são tais sensibilidades reflexos gerado pelo progresso da civilização humana ou até mesmo uma relutância em aceitar a nova realidade urbana típica da vida moderna.

A busca pelo litoral de Fortaleza, portanto, está em meio a este cenário: um notório crescimento urbano, a intensificação da legitimidade do discurso médico e, em contrapartida ao desenvolvimento urbano, a busca por uma natureza como refúgio, mesmo sendo esta controlada e domesticada.

Na década de 1920, quando identificamos a transformação no litoral da cidade, são várias as tensões que aparecem. Primeiramente, as disputas pelos usos legítimos da praia. A elite passa a frequentar a praia, apropriar-se do espaço, e, ao mesmo tempo, ditar os comportamentos possíveis. Como resultado dessa disputa social, tem-se o a mudança do nome da praia.

Ainda outras questões ganham evidência, como os primeiros usos da praia. Muito embora outros estudos sobre a praia falassem de um litoral vazio, inabitado,

destacamos a presença anterior das comunidades de pescadores, além de algumas práticas anteriores a década de 1920.

O que estudamos aqui, a transformação da praia no começo do século XX, abriu portas para o que viria a se seguir. A partir da década de 1930, a praia se consolida ainda mais como cenário de divertimentos da cidade. Os clubes sociais passam a construir sedes próximas à praia, e não promovem só bailes, mas agora também eventos esportivos. Conjuntamente o turismo aos poucos também aporta na cidade e com interesses, cada vez maior, no litoral.

Foi, portanto, um novo momento para a praia, palco indiscutível do divertimento e do novo entusiasmo esportivo, e quiçá será também um novo problema para uma nova pesquisa.

Fontes Consultadas

Revistas

- Revista a Jandaia, Fortaleza (CE). Ano III, n.51, 03 de maio de 1925.
- Revista Ceará Ilustrado, Fortaleza (CE), Ano I, n.27, 11 de janeiro de 1925.
- A cultura physica a serviço da beleza e da força, Revista Ceará Ilustrado. Fortaleza, n.27, 11 de janeiro de 1925.
- Revista Ceará Ilustrado, Fortaleza (CE), Ano I, n.70, 08 de novembro de 1925.
- Revista Ceará Ilustrado, Fortaleza (CE), Ano I, n.51, 28 de junho de 1925.
- Revista Ceará Ilustrado, Fortaleza (CE), Ano I, n.52, 05 de julho de 1925.
- Revista Bataclan. Fortaleza (CE), Ano I, n.02, 10 de julho de 1926.

Álbum de Vistas

ÁLBUM DE VISTAS do Estado do Ceará, 1908. Nancy: Imprimeries Reunies de Nancy/Établissements Bergeret, Humblot et Helminger, 1908.

Almanaques

Almanach Estatístico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará, Fortaleza – Edições: 1986, 1899. 1902, 1920, 1921, 1922, 1924, 1935

Jornais

- Jornal do Ceará, Fortaleza – Edições: 1904, 1905, 1907, 1908, 1911
- O povo, Fortaleza – Edições: 1928, 1929, 1930, 1931
- Correio do Ceará, Fortaleza – Edições: 1930

Acervos

- Acervo Pessoal Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), Fortaleza
- Biblioteca de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza
- Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN), Hemeroteca Digital
- Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, setores de Obras Raras, Microfilmes e Periódicos, Fortaleza
- Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, Fortaleza

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Edigar de. **Fortaleza de ontem e anteontem**. Fortaleza Edições UFC/PMG, 1980.

ALENCAR, José de. **Iracema**: lenda do Ceara. Coautoria de Paulo Franchetti, Leila Guenther, Monica Leite. Cotia, SP: Ateliê, 2007.

ALMEIDA, Luciana Andrade de. **Os sentidos das aparências**: invenção do corpo feminino em Fortaleza (1900-1959). 2016. 369f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza descalça; reminiscência**. 2ª Ed. – Fortaleza, UFC/CASA José de Alencar, 1992.

BARROSO, Gustavo. **Memórias**. Rio de Janeiro, RJ: Getulio M. Costa, - .3 v. em 1, II, 1939.

BEZERRA, Roselane Gomes. **O bairro praia de Iracema entre o “Adeus” e a “Boémia”**: usos, apropriações e representações de um Espaço Urbano. 2008. 231f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.

CAMPOS, Eduardo. **Gustavo Barroso**: sol, mar e sertão. Fortaleza: SECULT, 1988.

_____. **Vocabulário Antigo e mais coisas não menos longevas**. Fortaleza: Imprece, 2003.

CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: **Antropologia urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. VELHO, Gilberto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CASTRO, José Liberal de. Arquitetura eclética no Ceará. In: **ECLETISMO na arquitetura brasileira**. Coautoria de Annateresa Fabris. São Paulo, SP: Nobel: Editora da USP, 1987, p.211-255.

CORBIN, Alain. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORDEIRO, Celeste. O Ceará na segunda metade do século XIX. In: SOUZA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceara**. 4. ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.p.135-161.

COSTA, Maria Clélia. **Teorias médicas e gestão urbana: a seca de 1877-1879 em Fortaleza.** História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol. 11(1): 57-74, jan.-abr. 2004.

DALBEN, André. **Educação do corpo e vida ao ar livre: natureza e educação física em São Paulo (1930-1945).** 2009. 170 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2009.

DALBEN, André; SOARES, Carmen Lucia. **Uma educação pela natureza: vida ao ar livre e métodos terapêuticos nas colônias de férias infantis do Estado de São Paulo (1940).** Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 167-182, jan./abr. 2011.

FREITAS, Gustavo da Silva; SILVA, Méri Rosane Santos. **Práticas corporais do bairro-balneário Cassino/RS.** In: Conbrace, XVII, 2011. Porto Alegre, Anais, p.1-14.

GALENO, Juvenal. **Medicina Caseira.** Fortaleza: SECULT, 2010.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A, 1979.

_____. **Pequena história do Ceará.** Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984.

JUCÁ, Gisanfran Nazareno Mota. Fortaleza: cultura e lazer (1945-1960). In: SOUZA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceara.** 4. ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015. p.192-214.

LAZZAROTTI FILHO, Ari et al. **O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física.** Revista Movimento. Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 11-29, janeiro/março de 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira. Métodos e Fontes na História da Educação e Educação Física, p.35-49. In: RODRIGUES, Marilita Aparecida et al. **Coletânea do VI Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física.** Belo Horizonte: UFMG/EEF, 1996.

LUCENA, Ricardo. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro.** Campinas: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.

MATOS, Fábio de Oliveira. **A cidade de papel: cartografia e fotografia na formação do espaço litorâneo de Fortaleza.** 2009. 210p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologia, Fortaleza, 2009.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de. **Viagens às estâncias hidrominerais de São Paulo: cura, regeneração, divertimento e educação do corpo nas décadas de 1930 e 1940.** 142p. Dissertação. Faculdade de Educação da Unicamp. Campinas, SP, 2016.

MELO, Victor Andrade de. **Enfrentando os desafios do mar: a natação no Rio de Janeiro do século XIX (anos 1850-1890)**. Rev. Hist. (São Paulo), n.172, p.299-334, jan-jun, 2015.

MENEZES, Raimundo de. **Coisas que o tempo levou...: crônicas históricas da Fortaleza antiga**. São Paulo, SP: Hucitec, 1977.

MONTEIRO, Casais Adolfo. Prefácio. In: Queiroz, Raquel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

NETO, Lira; ALBUQUERQUE, Cláudia. **História urbana e imobiliária de Fortaleza: uma biografia sintética**. São Paulo: Editora Braba, 2014.

NOGUEIRA, João. **Fortaleza velha**. Fortaleza: Inst. do Ceara, 1954.

PAIVA, Manuel de Oliveira. **A afilhada**. Coautoria de Lucia Miguel Pereira. São Paulo, SP: Anhambi, 1961.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1993.

PONTE, Sebastião Rogério. A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUZA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceara**. 4. ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.p.162-191.

PORTO, Tiago Cavalcante. **As transformações do lazer em Fortaleza (1910-1930)**. 2015. 177f. Dissertação (Mestrado em História e Culturas) - Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

SCHOSSLER, Joana Carolina. **História do veraneio no Rio Grande do Sul**. Jundiaí, SP: Paco, 2013.

_____.Sol e mar: veraneios no litoral gaúcho no início do século XX. In: SOARES, Carmen Lúcia. **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas: Autores Associados, 2016. p.239-262.

SCHRAMM, Solange Maria de Oliveira. **Território livre de Iracema: só o nome ficou?.Memórias coletivas e a produção do Espaço na Praia de Iracema**. 2001. 176f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Marco Aurélio da. **Humor, vergonha e decoro na cidade de Fortaleza (1850-1890)**. Fortaleza: Museu do Ceará, SECULT, 2009.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo de. **Fortaleza**: imagens da cidade. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

SIQUEIRA, Sandra Aparecida de. **Campinas – seus corpos, suas águas (práticas corporais aquáticas no início do século XX)**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual de Campinas, 2009.

SOARES, Carmen Lucia (Org.). **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

TAMAS, Mariana (ed.). **Ah, Fortaleza**: 1880-1950. Coordenação de Peregrina Capelo, Gylmar Chaves. 2. ed. Fortaleza, CE: Terra da Luz, 2009.

TEÓFILO, Rodolfo. **A seca de 1915**. Fortaleza, Edições UFC, 1980.

TERRA, Vinicius. A invenção da praia de Santos (1880 – 1940). In: SOARES, Carmen Lúcia. **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, 2016. p.205-238.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.